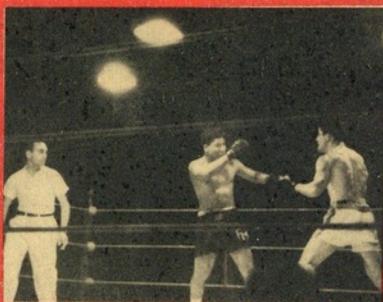




Nos Estados Unidos, as visitadoras sanitárias têm um papel fundamental na luta a favor de uma melhor humanidade.

(Ver páginas centrais)



A última velada de «box», uma reportagem vibrante e uma crítica objectiva do último grande encontro dos nossos campeões.

(Ler página 10)



Para o seu país seguirem já todos os toureiros mexicanos. Na nossa página de reportagem, damos as últimas palavras de Carlos Arruza.

(Ler página 9)



Carmen Dolores, a espiritual «Teresa» de o «Amor de Perdição», volta ao cinema no filme «Um homem às direitas»

(foto João Martins)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 181

2 DE NOVEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

A PROPÓSITO DE UMA EXPOSIÇÃO

Como vestir os nossos livros

SERIA singularmente interessante fazer um estudo profundo acerca dos artifices portugueses, não como o fazem os excelentes folcloristas da terra de Camões, mas de um modo mais largo, em comparação com os artistas de outros países, dando-lhes, assim, um lugar de honra a todos os títulos merecido. Foi isto o que a mim próprio disse, ao admirar a exposição de encadernações organizada cuidadosamente pelo mestre encadernador Raúl de Almeida, cuja pitoresca e pintalpada exposição dá àquella pedação da rua da Misericórdia, a idéa de Jardim florido tão vivas e tão variadas são as cores das suas peles.

Sim, logo no princípio, uma impressão de alegria, de diversidade. E isto já é alguma coisa, não é verdade?

Depois, e isto é ainda mais, infinitamente mais, uma impressão de novidade a desprender-se deste brilhante conjunto, um valor de inédito (se é que posso, sem que saia do lógico, empregar esta designação tra-

São muito poucos aqueles que compreendem o papel que cabe aos costureiros dos livros. Tanto da parte dos leitores como da parte dos encadernadores. Julgam que não é preciso olhar à qualidade da pele, para determinada obra, que não importa o autor, que não importa o país, que tanto se de livros editados, resguardados nos seus sólidos vestidos), não importa o tempo. E assim se vêem bibliotecas inteiras, em «uniformes» vermelho, verde ou amarelo.

Bem sei que há o aspecto económico, oh! sei, e que a meia encadernação, que nós chamamos a encadernação de cantos, aquela em que se casam — e tão mal! — o couro e o cartão, está ao alcance de todas as bôças, o que não se dá com as chamadas encadernações completas.

Mas, na verdade, não vale mais a pena que nos contentemos com algumas encadernações verdadeiras e belas, à espera que a restante bibliotecária se possa guarnecer, por sua vez, de nobres vestuários?

Mas, ali está, liga-se talvez menos importância do que a conveniente, se um romance de Eça de Queiroz não possui a librê de um volume de trabalho ou se um romance de Anatole France não se parece, mais pelo exterior do que pelo interior com um mau folhetim de Georges Ohnet ou de Paul de Kock!

Basta ver o cuidado, a maestria, o gosto com que Raúl de Almeida variou as encadernações, adaptando-as às obras para nos persuadirmos depressa e sem o menor esforço, que não é em vão que aqui se advoga a favor desta «cruzada» decorativa.

Digam-me se não é natural, por exemplo, aproveitar, como o fez este artista português, um detalhe do romance ou do tema crítico de uma obra para ornar a encadernação de um livro. Vi, por exemplo, que Raúl de Almeida, em lugar de banalmente doirar as lombadas de uma História da França, de Bainville, pintá-las com as três cores da nossa bandeira e fez-las cantar sobre o cabedal da encadernação. Vi uma outra História da França, cuja capa da frente foi enriquecida das flores de Lys em mosaicos de couro, etc.

Estes exemplos, entre tantos, servem para provar até que ponto se poderia, se deveria desenvolver até ao infinito, esta fórmula excelente.

Quanto a mim, basta-me apresentar aqui a sugestão, graças a esta bela exposição de arte-decorativa que honra não só a habilidade manual incontestável mas o inspirado de invenção dos portugueses.

CHARLES OULMONT



ESTA É A CASA DOS BICOS

LISBOA velha, Lisboa apertada no labirinto de Alfama, que era o coração da cidade moura, conserva ainda o pitoresco que o rolar dos séculos não conseguiu apagar. O camartelo do progresso foi, aqui e ali, dando cabo da tradição; os velhos bairros perderam muito da sua feição típica; morreram muitos telhados e postigos, trapadeiras e mirantes para, em seu lugar, surgirem prédios altos, estilo calxotes de cimento onde confortavelmente se enjaulam famílias — mas a cidade ainda sabe guardar, como reliquia, certas casas que datam de séculos. Entre elas a casa dos Bicos, em Alfama. O povo conhece-a bem pela sua configuração especial. Artistas, tanto nacionais como estrangeiros, têm reproduzido aquela célebre casa em interessantes desenhos. A tradição diz que foi um rico que a mandou construir com todos aqueles bicos para néles cravar diamantes... Mas a fantasia da tradição não terá superado a fantasia do rico? Diz-se também que já a casa, ainda em construção, estava no primeiro andar o Governo mandara suspender as obras alegando que não queria na cidade uma casa mais rica que o palácio real. Apesar do embargo, a casa tinha já tanta fama que o povo lhe chamou palácio dos diamantes. De tal forma o seu esplendor cresceu que Filipe II foi admirá-la, ficando extasiado.

A voz do povo diz também que no tempo de el-rei D. Manuel estivera ali hospedada uma rainha preta, muito rica, que trazia muitos diamantes, e que daqui se formara o anexam de se dizer: «não se perca a casa dos bicos», como um tesouro

ou a coisa mais preciosa que havia na cidade.

Dizem ainda alguns — conta um escritor — que a casa foi construída segundo o risco do senhorio, sem impedimento ou embargo por parte do Governo; que em cada bico lhe pusera um diamante, só do primeiro andar para cima; que eram diamantes fingidos, mas que toda aquela pedraria rutilava maravilhosamente ao romper do sol, que lhe batia de través, porque naquele tempo a frontaria da casa dos Bicos deitava para a praia da Ribeira, e até nas águas vivas se desembarcava mesmo à porta. Com o terramoto, a casa abateu ficando reduzida às sobrelojas e armazéns, como representa a foto. Ainda se diz que a casa pertencera ao valoroso governador Afonso de Albuquerque, cujas armas estavam na porta.

A casa dos Bicos foi comprada, muito mais tarde, pelo bacharel Caetano Lopes da Silva, em praça pública por 14.500\$00. Serviu de armazém de peixe vindo da Terra Nova. A fazenda pública, porém, chamou a si aquele património e o honrado comerciante ficou sem os quatorze contos e quinhentos.

A verdade é que, sem diamantes, a casa dos Bicos é bem curiosa — e, se os tivesse, seria preciso um batalhão da Guarda Republicana para a guardar.

Apesar de velha e escondida ainda é das casas de Lisboa que desperta maior curiosidade.

Sobre ela tem-se escrito imenso — e a sua curiosa perspectiva terá corrido o mundo pelo lápis dos artistas.

NOTAS RAPIDAS



O sr. Comandante Nuno de Brion, novo governador civil de Lisboa, recebeu, há dias, os cumprimentos das Juntas de Freguesia da capital que lhe foram manifestar o desejo de uma estreita colaboração. No final, depois dos discursos de cumprimentos, o sr. comandante Nuno de Brion expôs o seu plano de trabalhos e inclinou as Juntas de Freguesia a uma íntima colaboração.



Já seguiu para a América a Comissão Aeronáutica Portuguesa que vai tomar parte na Conferência Aérea Internacional. Antes da partida — com os portugueses seguiram as delegações suíça e espanhola — o sr. embaixador dos Estados Unidos em Lisboa ofereceu aos portugueses um almoço, de cuja assistência damos um flagrante flagrante.



Recentemente, realizou-se um jantar de despedida ao sr. dr. Costa Félix, ilustre clínico que, há dias, seguiu para África em serviço militar. O banquete reuniu muitas dezenas de convivas e constituiu uma expressiva homenagem ao sr. dr. Costa Félix, um dos nomes mais considerados entre o novo corpo médico português.



Sob a presidência do sr. Ministro das Colónias, reuniu, no Palácio da Junqueira, o Conselho do Império Colonial. O sr. Prof. Doutor Marcellino Caetano pronunciou um discurso em que marcou as directrices do programa a realizar, para o progresso de uma politica imperial cada vez mais necessária à unidade nacional.

UMA REPORTAGEM POR SEMANA Quando reúne a Assembleia Geral...

MEUOS senhores! — diz o presidente, com voz grave, retinindo a campainha — está aberta a sessão!

Na sala, os sócios da «Progresso e Lealdade» acomodam-se. Então, lá do fundo, ouve-se uma voz de protesto porque o senhor secretário que está na mesa não tem as cotas em dia. Há reboliço. Uns falam, outros bocejam — e, nessa ordem de idéias, pelos estatutos, também o presidente não devia estar ali que nunca pagara a jóia nem o cartão. Diante dum desafio daqueles, o digníssimo dirigente da assembleia geral faz menção de se levantar e abandonar os trabalhos — que, aqui para nós, ainda não se iniciou. Então um velho «carrola», todo branco, que era da primitiva, apela para o bom senso e, diplomáticamente, diz logo: «que assim está tudo enrascado». Depois, continuando a falar, repisa umas cinco vezes coisas deste jaez: que a sociedade precisa de dedicações, de gente de trabalho, de sócios com amor à causa, etc. Todos gritam: Muito bem! — e a direcção pede a palavra. Levanta-se um rapazola que, com uns papéis, prova que se devem três meses ao senhorio e que ainda se não pagou, desde a gerência transata, a conta da tipografia que imprimiu os programas, e três garrafas de capilé à leitaria do bairro. Acrescenta, também, que os balles só deram prejuízo, a excursão deixou «déficit» e o benefício no cinema esteve às mãos; assim por este caminho — remata — só há uma saída: fechar a porta da rua e dar a chave ao senhorio!

— Fora! Fora! A Sociedade há-de ressurgir, há-de viver.

O presidente da direcção, vexado, senta-se, absorto, na cadeira. Ele que todas as noites, quer chovesse, quer fizesse vento vinha à sociedade, pregava cartazes, carregava com os cenários às costas, metia-se no bufete a vender vinho, muitas vezes trouxe de guarda-roupa carregos de indumentárias, perdeu muitos meios-dias para tratar de licenças, emmagreceu e esquecia-se da família, enfim, um verdadeiro mouro, vinha agora, na assembleia geral, em que julgava encontrar aplausos à sua dedicação. — Peço a palavra, senhor presidente!

— Como se chama?
— António Patusco, sócio n.º 37. Devo a cota do mês passado porque o cobrador não foi lá a casa...
— Pode falar... — avisa o presidente.

— Meus senhores — começa o António — eu não tenho, infelizmente, dotes oratórios, nem fui fadado para a eloquência dos discursos como tantos dos nossos consócios. O que vou dizer são duas coisas... duas coisas... enfim, compreende-se: a Sociedade atravessa uma grande crise, está sem notas, mas, quanto a mim, não é caso para desanimar... Eu já estive numa direcção em que só havia na caixa recibos para pagar, pois quando chegámos ao fim se não pagámos tudo foi porque tivemos de comprar um estandarte e um espelho grande para a «toilette» das senhoras...

Vozes dizem: Apoiado! Apoiado!
O senhor presidente toca, novamente, a campainha. Pergunta se mais alguém deseja fazer uso da palavra. Todos se calam. Nesse caso vai-se passar à segunda parte, ou seja a eleição da direcção. Levanta-se um director e diz que se tinha

lembrado de alguns nomes, e que trazia ali uma lista que passava a ler.

Ouve-se logo uma voz: Não posso! — Aceita, Belmiro; é mais uma vez!

Mas o Belmiro não quer. De mais tem os serões na fábrica, está cansado, aquilo demanda inteligência, e a dele — que a «teve em abundância» — está esgotada.

Mas ninguém acredita naquela esgotamento; todos, teimam, puxam-lhe pelo casaco, dão-lhe palmadas.

Então o futuro presidente, levantando-se, diz que só aceita se o Carlos também aceitar.

— E o aceita! — voive, lá dum canto, um sujeito já grisalho.

— Estou escaldado, menino! Trabalhar para estes trifulhas e no fim apanhar uma parelha...

Todos, a rir, garantem ao sr. Carlos que ninguém, desta vez, dará parelhas. Fazem roda, insistem e o sr. Carlos, muito direito, fala à ansiedade da assembleia: só irá debaixo dumas certas condições. Assim, nenhum sócio poderá entrar sem, pelo menos, ter pago a cota do último trimestre — e os baratos dos jogos serão elevados ao dobro, e nunca para os balles haverá mais do que um «tercetico de três» — para evitar despesas — e as récitas são feitas pelos amadores da casa...

Muitas palmas. Arranjam-se mais quatro nomes, e com tantos projectos a «Progresso e Lealdade», de vento na pópa, continuará a singrar. O senhor presidente, não havendo mais nada a dizer, encerrou a sessão. Foi também aprovada uma proposta que nomeava sócio honorário o senhorio — para que o atraso dos três meses ficasse no esquecimento.

CAMPO GRANDE...



O TEJO E O LISBOETA

AQUI num alto, entre varedeiros de velhos prédios, esta minha janela namora o Tejo. Vê-se, ao longe, no infinito azul das águas, a «barra», por onde os barcos, perdidos de fumarada, voltam as costas a Lisboa, ansiosos de outras paragens. As galvotas, batendo as azas brancas, esvoaçam aos bandos — e, quando baixas, rastejam a terra firme, já os astros se não entendem na fúria do temporal. O Tejo parece uma estrada sem fim.

Mas a praia é a mesa do Tamariz, a carapinhada, o «flirt», e, às vezes, um desconsolado banho nas águas turvas e sujas que pedem, em casa, banheira e essência da «Nally». O culto da praia não existe entre nós. Somos uma cidade que tem o mais lindo rio, para ser visto em bilhetes postais. O Tejo enjôa, faz náuseas, incomoda. O chiquismo é que dita os banhos. Depois, ninguém vai para a praia com a preocupação de tomar banho ou deliciar-se com o refrigério das águas. Muitas vezes acontece ali tomar-se banho; mas, geralmente, o que leva ali tanta gente é ver a Fifi, a Balé e a Guida, raparigas espirituosas que andam sempre atarefadas, sem nunca terem felto nada na vida. Antigamente a praia mais chique era a da Cruz Quebrada e de Belém.

Com o rodar do tempo, porém, a Cruz Quebrada ficou sendo uma praia onde ninguém pensa em nadar. É um retiro de comes e bebes. Em vez do fato de banho — leva-se o garrafão. Arranja-se um toldo, abanca-se a família e vai disto: é encher o estômago à esfreguinha, com areia e tudo. A praia de Belém, essa então, onde Garrett e os janotas do seu tempo faziam polido, desapareceu totalmente. Só não desapareceu a torre porque não há, felizmente, sítio onde se coloque. Sim, não venham dizer que a Torre estaria melhor em Caxias, já que ela faz tão má vizinhança aos gazómetros da respeitável Companhia do Gás. Ora o Tejo, como se disse, é mal aproveitado. Agora já se vêem uns barquitos, umas regatas, tudo muito à cautela. Na Costa, do outro lado, há gente que consegue molhar-se toda, banhar-se. Bom sintoma. O que faz falta, porém, são escolas que ensinem a nadar — e a espalhar o gosto pelas águas dentro da índole da nossa gente. Somos descendentes duma raça de lídes do mar... recreativamente. O remo, a natação, a vela, são desportos de marinheiros. Somos daqueles que escrevemos as primeiras páginas de história com a ajuda gloriosa dos oceanos que se deixaram bater pela audácia — e, não faz sentido que um português enjôe quando vai à Trafaria ou grite pelo cabo do mar com a água pelo pescoço. Dizem que um conhecido arrais que escapou de muitos naufrágios, morreu desastrosamente em casa, rodeado da família, afogado numa tina; isso é uma ironia do destino. Também um fabricante de famoso produto contra a calvicie tem uma cabeça pelada e luzidia como uma bola de bilhar; no entanto, êle recomenda o seu preparado conscientemente...

Sem dúvida, nos últimos anos as praias tiveram larga concorrência. Houve descantes, balles de roda, capilé e soda. Pessoas houve que até trouxeram a pele queimada. «Parece impossível que isto aconteça — dizia há dias uma vizinha, a Dona Engrácia, que o marido é da Alfândega — a pele da minha sobrinha até caíu!»

«Nunca mais volta! A gente vai à praia para comer a merenda e gozar a fresca brisa! Agora assim... é de fugir!»

Ora contra isso que se torna necessário remar. Sobretudo contra os ignorantes que encham o estômago de vinho e depois, na prancha, dão saltos até estolrarem com uma congestão...

MANUEL MARTINHO

Nota da semana
 à um «velho ouvinte»
 e aos mais que lerem...

DE quem quer que seja, a carta que recebemos, merece atenção. Dum Rádio-ouvinte velho ou novo, dum conhecedor do ambiente interno ou dum semi-leigo, achamos que essa carta é notável pelo seu poder de crítica de síntese e de incisão.

Assina-a um pseudónimo: «Um velho ouvinte». E aqui está o seu primeiro «senão»...

Para quê o pseudónimo? Talvez seja uma consequência do tão vulgarizado e honroso defeito da «grande modéstia», sempre junto a uma falta de justa noção do valor próprio e que leva à impossibilidade de qualquer confissão de franca auto-apreciação, sempre preso à diminuição aparente do valor, do que se faz ou se é... E talvez seja só timidez ou disfarce conveniente... Adiante.

«Um velho ouvinte» critica quasi todo o panorama audível da nossa Rádio. E diz coisas acertadas, como puro e exigente ouvinte; assim, como consequência, atacando o fim e esquecendo o meio e o princípio, é... demolidor.

Eis aqui o seu segundo «senão»... «Um velho Ouvinte» fala dos defeitos finais, consequentes doutros defeitos anteriores e maiores, no completo esquecimento de que a Rádio não é uma série de independentes trabalhos e funções que se possam julgar pelo que são, atribuindo o bom ou o mau, ao seu autor: a Rádio é um conjunto de esforços dirigidos, uma mistura que aparece no ar pela voz do locutor (o alvo da crítica...), depois de ter sofrido ou beneficiado com o prejuízo ou com o benefício de muitos. E depois não podemos esquecer dificuldades, restrições tabús, impossibilidades e contingências que a nossa Rádio, em especial, suporta. Por isto, não podemos demolir só porque é mau. Devemos cortar a causa do mal (se for possível) e aquilo que, sem causa ou com causa favorável, continua a ser mau.

Ora não foi este o critério de «Um velho ouvinte».

A nossa Rádio, criança com a mania dos grandexas, não admite ainda o tom implacável de quem só quer o óptimo... ¿?Pois como poderia ser assim se não temos especialização, meios, independência, e escola?... ¿?Como poderia ser assim, se o ouvinte culto vai buscar a base da sua crítica, à sua própria cultura — pouco forte na orgânica da Rádio portuguesa — e à comparação com a favorecida Rádio estrangeira?... Pôsto isto — acusado «Um velho ouvinte das culpas que tem — ter encoberto o seu nome e ter sido arazante, sem piedade nem compreensão... — prestemos homenagem ao nosso desconhecido e implacável crítico, agradecendo-lhe: anónimo radiófilo, muito obrigado.

E ajude-nos, sempre que queira com mais cartas. Se nos permite, agradecemos-lhe, ainda, o ensejo proporcionado de — a todos os ouvintes e em especial aos demolidores e exigentes, cultos e implacáveis... — fazermos este fervoroso apêlo:

Não sejam como certos pais que,



FAUSTO CALDEIRA AO MICROFONE DE «R. C. P.»

EMBORA seja comum dizer-se o contrário, a verdade é que Portugal tem alguns artistas ligeiros de indiscutível categoria. No entanto, há poucos que atinjam uma craveira que os nivele aos artistas estrangeiros. Fausto Caldeira é, quanto a nós, o único artista do seu género, com categoria internacional. Músico e cantor, tem dado a sua colaboração à Rádio, embora sempre, até hoje, com carácter eventual. Por compromisso recente, Fausto Caldeira aparecerá, em programas seus, ao microfone de Rádio Clube Português uma vez por semana. Cantor, de voz privilegiada, músico-compositor e executante de piano, acordeon e trombone — temos a certeza de que vai fazer dos seus programas, em cada 30 minutos semanais, um verdadeiro motivo de agrado e interesse Radiofónico. Parabens a Fausto Caldeira, a Rádio Clube Português e... ao público ouvinte.

A Orquestra Sousa Pinto, na sua antiga constituição, quando em «tournée» pelo estrangeiro. Fausto Caldeira está ao microfone, entre Anselmo (acordeonista) e Oliver (violinista).

«GONGS»

Segundo um telegrama do Brasil, foi comemorado com demonstrações oficiais e privadas, o «Dia da Rádio do Brasil». As Rádios inglesa, americana, uruguaia e doutros países, associaram-se às comemorações, dedicando emissões ao Brasil. Foi criada a «Associação Brasileira de Rádio» e dela farão parte todos os que trabalham na Rádio Brasileira.

Quando terá Portugal desenvolvimento radiofónico que justifique estas medidas?... A realização do «Dia da Rádio Portuguesa», ainda cremos possível e justificável... Agora, a formação da «Associação Portuguesa de Rádio!»...

Rádio Renascença do Pôrto, uma estação que nos parece em melhor nível do que a sua congénere de Lisboa, precisa de cuidar um pouco mais da pontualidade. Ou se faz à hora marcada ou não se faz!... Porque já tem acontecido fazer a sua transmissão 20 minutos depois...

O programa «Music-hall» do Jorge continua em maré de êxito... Aliás, é compreensível, atendendo à fantástica vocação e à prática do seu autor, que continua a ser, segundo a nossa opinião, o melhor montador radiofónico e locutor-apresentador de programas gravados. É de louvar o conjunto, a unidade que Jorge Alves consegue, fa-

embora adorem os filhos, os espancam no intuito da perfeição... Tratam a nossa Rádio com a ternura que merecem as coisas pequenas, os adolescentes e as crianças... E desculpem-lhe os actuais pequenos defeitos sonoros, ajudando a combater as suas grandes causas mudas...

F. C. R.

zendo do disco da locução e da técnica um bloco único, ligado, rápido e agradável, que dá a sensação da realidade.

Consta-nos que Ideal-Rádio do Pôrto tem apresentado aos domingos, das 10 às 12, programas populares que não têm conseguido grande agrado e perfeição, e que sofrem de graves defeitos, do ponto de vista literário e radiofónico. Lembramos quanta responsabilidade representa a organização de um programa popular, dirigido portanto ao povo... E esperamos que os programas melhorem.

Onde está o antigo locutor José do Nascimento, um dos poucos bons locutores das estações centralizadas de Lisboa?

CARTAS AOS OUVINTES

Endereço: Rádio, «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

J. P. O. (Lisboa) — Carmen Miranda é portuguesa. Dizem que nasceu em Marco de Canavezes, onde ainda tem, actualmente, família.

S. A. G. DA COSTA (Arcos de Valdevez) — Oscar e Arménio não estão actualmente em actividade. É possível que voltem a cantar juntos, num futuro próximo.

H. LIMA E MAIA — Obrigado pelas suas amáveis palavras. — Na festa de homenagem a Artur Duarte (refiro-me à realizada a propósito de «A Menina da Rádio») colaboraram os artistas da Rádio: Maria Eugénia, Oscar de Lenos, Mimi Estremadouro, Maria Sidónio e F. Curado Ribeiro. Creio que não me esqueceu nenhum... — Mande sempre.

HELEN GREY — Escreva para a E. N. — As vezes... manda.

NUNO CORREIA (Lisboa) — A locutora M. de Rezende após o seu período normal de férias, adoeceu. Está, por este motivo, afastada, há meses, do serviço. — Escreva para o E. R. N., rua Cândido dos Reis, Pôrto. — É sempre difícil responder a essas perguntas... A inconstância dos «naipes» de locutores, de certas estações, é fantástica... Talvez seja Anita Sampaio.

FERNANDO RIBEIRO

★ CRACINHAS ★

Quando se visita uma estação de Rádio, o principal objectivo em vista é a cabine do locutor com o locutor lá dentro. Todos querem ver se ele «tem a cara da voz que tem...» E, quando ele, do lado de lá do vidro, vê as visitas olbarem-no com olhos de quem inspeciona a aldeia dos macacos, sente-se «bicho raro» e está sempre à espera que lhe dêem amen-dois...



Por bem fazer...

E sempre de boa prudência saber quem se mete em casa. Ouvimos contar há dias que certo professor ibero-americano foi convidado a visitar um país europeu. Andou, viu, falou, fez conferências, tudo a largas expensas de seus hospedeiros. Quasi ao fim da estadia, um jornalista foi encarregado de lhe tirar pela língua algumas impressões. O professor, com a loquacidade própria da sua raça, expandiu-se em elogios, fácil moeda de pago a lhanesa cavalheiresca com que fora recebido. Mas na cauda das suas considerações, que a grossos títulos foram publicadas numa página de um vespertino, ao ser abelhadamente perguntado porque razão o seu país entrara em guerra com o Terceiro Reich, retorquiu que assim fora devido ao poder de compra de ouro dos Estados Unidos.

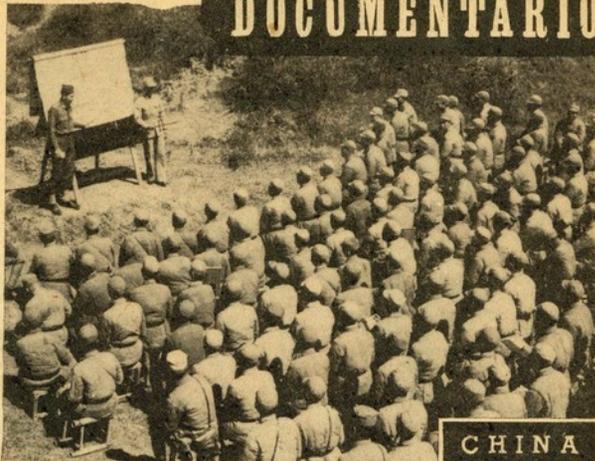
O resultado d'êste arrôjo sentiu-o êle quando regressou: o seu governo, avisado pelo respectivo representante diplomático na capital do país visitado, e apertado pela indignação pública, demitiu-o da cátedra.

Tornando-se-lhe impossível viver no seu próprio país, refugiou-se o infeliz professor neutro, também da América do Sul, cujo governo perfilhava as suas idéias.

E porque gostava de ajustar contas, escreveu e publicou um livro sobre a sua viagem ao país que visitara, no qual, atacando o chefe deste último, se justificou de assim lhe dar com os pratos na cara, revelando ter ouvido coisas muito piores, a colegas, catedráticos como êle, que o haviam acompanhado, embora contestáveis do primeiro!

E assim ardeu Tróia.

DOCUMENTÁRIO



CHINA

Os soldados chineses preparam-se para a luta contra o Japão, num tirocínio intenso, consciencioso e entusiasta e segundo a instrução americana. Ei-los, numa aula ao ar livre, aprendendo os métodos de fazer a guerra moderna. A esquerda, de pé, está o major Milton Montalier, do exército dos E. U., dando explicações ilustradas sobre as campanhas modernas.



SAN MARINO

San Marino voltou à normalidade, se bem que, mesmo com a proximidade alemã, não tivesse estado em guerra. Todavia, sofreu indirectamente, como todos os povos, as conseqüências d'êste conflito. Aqui vemos o regente de San Marino e o tenente general Leese, agradecendo, da varanda do Palácio do Governo, as aclamações sinceras do seu povo.

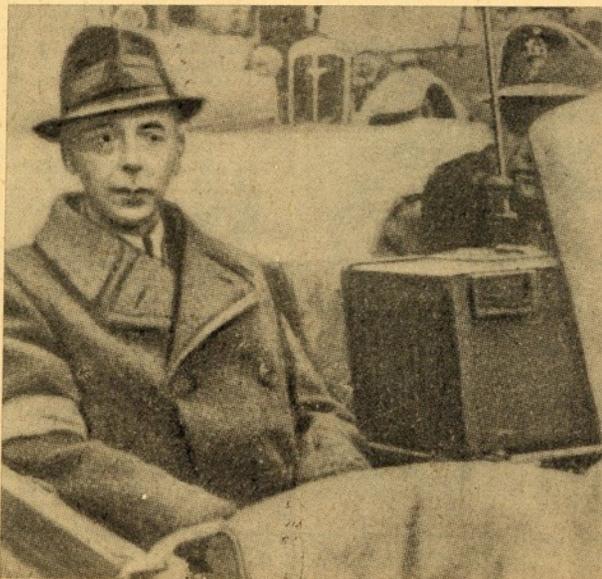


ALEMANHA

Quando se fizer a história desta guerra, esta fotografia há-de ocupar lugar de honra entre as páginas mais brilhantes para os Aliados: é o primeiro «tank», são os primeiros soldados ingleses que entraram em Nijmegen, em território alemão. Um dia, o carro figurará em algum museu britânico e os nomes dos soldados-ripulantes — quem os conhece? — talvez sejam escritos em letras de ouro na esquina de alguma rua londrina...

O general Bor foi prêso. Depois de uma luta feroz e brilhante contra os ocupantes, Bor Komerowski, desamparado de todos os lados, sucumbiu. Agora, em «mufti», é conduzido ao quartel-general alemão. Raczkieucz, o Presidente da Polónia, disse, num discurso recente: «Eu agradeço-lhe em nome da República!»

POLÓNIA



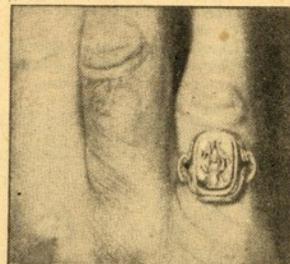
DE TODA A SEGURANÇA...

O sr. George Chubb, funcionário superior do Ministério dos Negócios Estrangeiros do governo de Sua Majestade Britânica, é muitas vezes portador de documentos da mais alta importância e do maior segredo. A sua pasta constitui, por isso, uma espécie de cofre forte ambulante, pois além de ter que levar para a Câmara papéis que o sr. Eden deve pôr à disposição dos deputados, ainda deve proceder a estudos e exames, na sua própria casa, de alguns d'êsses papéis secretos. De modo que o sr. Chubb se via sempre aflito no receio de uma violação de documentos — pois a espionagem ainda não pôs de parte os seus planos de acção.

Que havia, então, Mr. Chubb de inventar?

Americanamente — um anel chave! Ei-lo, na primeira foto, pôsto no dedo do sr. Chubb. Na foto de baixo, depois de ser comprimida uma pequena mola, que fica por detrás do anel, a chave saltou e está pronta para entrar na fechadura da pasta do sr. Chubb.

Não é original e não é de toda a segurança?



UM CRIADO DO CONDE DE ARNOSO



O conde de Arnoso costumava ir veranear para Cascais. Um dia, assoberbado com um trabalho de urgência, deu ordem ao criado para que dissesse, se alguém o procurasse, que ele tinha ido para Lisboa. Não se passou muito tempo que não chegasse uma visita.

— O senhor conde está?

Resposta do criado:

— Não está. Foi para Lisboa.

— Com a senhora condessa?

O criado, que não estava preparado para a resposta:

— Saiba V. Ex.* que foi comigo!

SER MINISTRO



A um menino de onze anos, que se julgava o mais esperto do colégio, perguntaram-lhe uma ocasião:

— Que queres tu ser quando fores homem?

O pequeno não hesitou na resposta:

— Quero ser ministro!

Moralidade da história: um ministro nunca deve pensar, mesmo quando for grande, que é mais esperto do que aqueles — que não são ministros.

O TESTAMENTO DO SALOIO



O dr. Jacinto Carreira exerce, aliás com grande brilho, o cargo de notário em Sintra. Uma manhã apareceu-lhe no cartório um saloio de Al-

marginem... Bispo — que queria fazer testamento. No decorrer do acto, Jacinto Carreira perguntou ao cliente:

— Quantos filhos tem você?

— Dois, senhor doutor tabelião, que já morreram.

— Eram casados?

— Eram, sim senhor.

— O nome dos falecidos?

Logo o saloio:

— Lá na minha terra aos falecidos dão-lhe o nome de defuntos, senhor doutor... Mas não sei se está bem...

Vendo-a pelo preço por que ma venderam.

CAÇADORES



Agora que estamos na época da caça vem a propósito esta história.

O célebre trágico Larive foi surpreendido a caçar, sem licença, nas terras

de um grande fidalgo, por um guarda-campestre.

— Com que direito anda o senhor a caçar aqui?

Larive não se desconcertou. Com a maior serenidade do mundo respondeu:

— Com que direito? Com o direito que tem um espírito conspícuo e vasto sobre a matéria grosseira e informe da mentalidade vulgar.

O guarda, estupefacto, exclamou, tirando rasgadamente o chapéu:

— Queira V. Ex.* desculpar, eu não sabia...



(Caricatura de Zéco)

Um homem que não quer dar nas vistas

UM dia, certo sujeito, meio boémio, meio filósofo, reparando que a maioria dos seus contemporâneos vestia de escuro — facto que era singularmente notado — resolveu vestir-se de encarnado para, argumentava ele, não dar nas vistas. Com Júlio de Sousa sucede o mesmo. Este excelente artista para não dar nas vistas anda sempre de camisa preta. Já sabem! Em vendo um senhor pálido, com o ar bíblico dum peregrino recém-chegado de Jerusalém e uma camisa que dá a impressão de que foi lavada com tinta da China, não têm que errar: estão em presença de Júlio de Sousa. O homem que não queria dar nas vistas, desperta, afinal, a atenção de toda a gente. Panoramicamente, pela camisa que usa; socialmente, pelo talento que tem. Escultor, pintor, caricaturista, criador dos bonecos de barro e dos bonecos de trapos, maravilhosos «portraits-charge» que, só por si, consagram um artista — Júlio de Sousa não carece de que o empurrem para subir a Calçada da Glória. Sobea-a bem sozinho, pelo seu pé. Para apoio basta-lhe o seu lápis. Daqui lhe endereçamos os nossos cumprimentos, pedindo vênias para traçar a giz branco na sua camisa preta, esta etiqueta de origem: — Casa Africana!

ANDRÉ BRUN E O MÉDICO



André Brun adoeceu com uma forte constipação, que lhe atacou os brônquios. Chamou o médico como todo o doente que se preza, e o médico receitou-lhe

papas de linhaça com mostarda.

— Bastante mostarda, meu amigo, — disse-lhe o clínico. — Por causa da reacção...

— Mas, doutor — observou André Brun que era alegremente magro — não será mostarda a mais para são pouca carne?

AS TROMBETAS



Recorto dum velho almanaque:

— «A história não é mais do que uma representação de bonecos, num gigantesco teatro de feira. Surge um

homem, toca uma trombeta — e em seguida desaparece. Fica-se à espera de alguma coisa nova, mas eis que outro homem surge — tocando outra trombeta, — e vai-se também embora. E assim sucessivamente.»

MELO BARRETO E A FARDA



Melo Barreto, sempre com um sorriso nos lábios e uma tradução de baixo do braço, aparecia, pontualmente, no Jardim de Inverno do teatro

D. Amélia. O seu sonho — que só na vigência da República pôde realizar — era ser ministro dos Estrangeiros. Esperançado que tal acontecesse, mandou mesmo fazer a farda. Os colegas da tertúlia souberam disto e toca a insistir com Melo Barreto para ele vestir a farda, ao menos para eles verem. Melo Barreto nada. Não vestia. E ficaram-lhe então estas quadras que correm de boca em boca:

Ó Barreto, veste a farda
Veste a farda, ó Barreto:
Olha que o ouro oxida,
Oxida — e fica preto!

Ó Barreto, veste a farda,
Não t'importes com o Poder:
Que tu estás a engordar,
E a farda — a encolher!

NOTÍCIAS DA GUERRA

OUVI há pouco atribuir a Montgomery, mas suponho que é mais antiga, esta anedota, a que, de resto, não falta oportunidade. Em pleno campo de batalha, o general perguntou ao seu ajudante de campo, apontando um extenso regimento sobre uma colina distante:

— O que vem a ser aquilo?

— São jornalistas, meu general.

— E aquela massa de homens, à esquerda?

— São fotógrafos, meu general.

— E mais além, aquela batallhão com uma espécie de artilharia?

— São, meu general, empregados da Rádio, com as suas máquinas, que vêm

colher os ruídos do combate.

Montgomery sorriu, compôs melhor a sua clássica boina e comentou:

— Temos a postos o essencial. Pode começar a batalha...

De facto, acompanhando hoje os exércitos em marcha, caminha um verdadeiro regimento de jornalistas, de repórteres, de fotógrafos, de especialistas da Rádio, autênticos soldados da grande informação, serenos, risonhos, dispostos a tudo, capazes de se deixarem matar por uma notícia à sensation, e sem os quais o mundo ignoraria, pelo menos cem por cento, o que se passa nas várias frentes. A informação é hoje, para os países beligerantes, uma das grandes armas da guerra. Os jornalistas não serão rigorosamente o «essencial» na frase maliciosa atribuída a Montgomery, mas têm o seu papel e o seu papel de escrever...

O MUNDO MAL FEITO



Nelson de Barros, humorista de boa tempera, que o Teatro conquistou para as suas fileiras, dizia-nos uma vez, num encontro no Rossio:

— O mundo está muito mal feito, você não acha? Veja esta desigualdade injustíssima...

E exemplificou:

— Se os homens do campo são camponeses — porque é que nós, os da capital, não havemos de ser «capitalistas»?

O Nelson sem razão. Sim! Porque é que nós, os da capital, não havemos de ser «capitalistas»?

SABE QUEM FOI GABRIELE D'ANNUNZIO?...

EM 1863, em plena Primavera, nasce Gabriele D'Annunzio, aquele que, mais tarde, havia de ser considerado um dos maiores prosadores da Europa.

A terra que o teve por bérço foi Pescara, na Itália. Bem cedo começaram a manifestar-se em Gabriele D'Annunzio brilhantes dotes literários, tanto assim que, aos 16 anos, oferecia um poema ao Rei Humberto. Terminados os estudos no Colégio Cigogni, Gabriele D'Annunzio passou a habitar Roma, ingressando no jornalismo. Os seus artigos, de estilo pomposo e redibrilhante, eram, simultaneamente, de carácter político e literário.

Em 1897 foi eleito deputado. Depois, permaneceu alguns anos recolhido numa vila perto de Florença, entreteendo-se a coleccionar objectos de arte. Vivia faustosamente e de uma maneira muito pessoal e extravagante. À sua volta passou a criar-se como que uma lenda. D'Annunzio indica pompa excessiva.

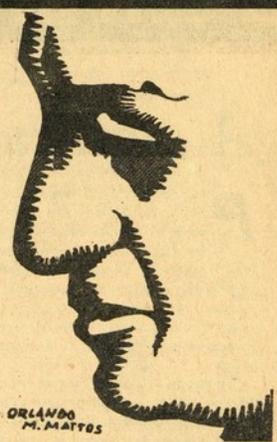
Velo a guerra de 1914-18. D'Annunzio tornou-se um agitador nacionalista, por assim dizer o ormeiro impulsor do movimento fascista que tantos males havia de acarretar à Itália e ao mundo.

Partidário da entrada da Itália na guerra, alistou-se no exército, sendo ferido e perdendo um olho em 1916. Depois do armistício Gabriele D'Annunzio continuou a sua propaganda nacionalista e, descontente com a situação da Itália resultante dos Tratados de Paz, levou a efeito a sua grande aventura que foi a tomada de Fiume. Para isso, organizou e chefiou uma expedição de jovens entre os 20 e 21 anos. A cidade de Fiume foi invadida e tomada.

Em 1921, Gabriele D'Annunzio retirou-se para Gardone. De quando em quando publicava um livro: «A Quimera», o «Triunfo da Morte», «Glocondas», «O Fogo», «O Intruso». No primeiro quarto do século XX, D'Annunzio era considerado como a maior glória literária do mundo.

Toda a sua vida é um rosário de anedotas e de situações contraditórias. Dramático, por vezes atinga o ridículo; querendo conduzir a sua vida para um plano de glória e de perigo, praticava grandes rasgos que estavam bem próximos do cabotismo. Byron era o seu modelo. Desejava uma morte gloriosa, ainda em pleno apogeu das suas faculdades criadoras. Alguns biógrafos pretendem que os seus feitos de mais arrôjo eram uma deliberada procura da morte em «estilo dannunziano». Estas palavras são d'ele: «de todas as mulheres, a Morte foi a única que não me quis».

Para o fim, como o seu génio se fôsse depauperando, D'Annunzio que receava cair no esquecimento, dava-se a fazer auto-reclamos, como seja a sua colaboração no sonho da «Glocondas», do Louvre, e o ter feito espalhar a notícia da sua própria morte apenas para ler a notícia necrológica. Afinal, morreu já velho, com 75 anos, vítima de uma hemorragia cerebral, quando trabalhava na sua biblioteca particular. O pano negou-se a cair no seu grande momento dramático. Velo simples, sem golpes de teatro, como D'Annunzio sempre temera...



TRANSFORMAÇÃO

A MULHER-HOMEM

ESTAS duas fotografias, tão diferentes uma da outra, pertencem à senhora Edwards, ou melhor, retratam a senhora Edwards em dois momentos da sua vida.

Para melhor se compreender, é preferível contar um pouco da vida desta bizarra senhora. Mrs. Edwards, americana autêntica, nasceu em Okla, uma cidadezinha de 3.º ou 4.º ordem. Todavia, Mrs. Edwards, como senhora elegante que se preza, frequenta chás e recepções, joga o «bridge», etc. Em suma, Mrs. Edwards é uma respeitável senhora de sociedade, que sabe vestir com elegância e distinção.

Até aqui, tudo muito bem. Mas aconteceu que um tio da senhora Edwards se resolveu a morrer há cerca de quatro anos, deixando à sobrinha toda a sua fortuna, que se resume nuns esplêndidos terrenos onde se cria gado em abundância.

Mrs. Edwards, mal recebe a herança, parte para dirigir as suas propriedades. Assim que chega, vê que os terrenos que herdara ficam rodeados de acampamentos de índios pele-vermelhas. Mais ainda: que todos os empregados são também peles-vermelhas.

Mrs. Edwards instala-se. Os peles-vermelhas lançam-lhe olhares desconfiados para não dizer pior ainda: desobedecem às suas ordens e, dias depois, começam a desaparecer cavalos. Eram roubos após roubos.

Mrs. Edwards estava desconsolada. Não sabia o que fazer. Quis vender os terrenos, mas não obteve comprador. Além disso, ela, senhora de sociedade, jamais se poderia habituar a vida semelhante, sem comodidades, sem cabeleiros, sem «manucures», sem massagistas, sem as «premières»

de cinema ou as passagens de melodiosos.

Foi então que se deu um acontecimento novo na vida da senhora Edwards. Falando com o missionário americano, soube que os peles-vermelhas roubavam e não obedeciam às suas ordens porque ela era uma mulher. «Deve casar-se, Mrs. Edwards», concluiu o missionário.

Ao que parece, porém, Mr. Edwards era contrária ao casamento. Mas onde arranjar um homem? Não pensou duas vezes. Ela própria, senhora elegante, de rendinhas, de perfume e de chapéus inconcebíveis, se transformou num homem.

A história acaba aqui. Os peles-vermelhas passaram a obedecer a todas as suas ordens e nunca mais se deu pela falta de um cavalo. Quanto a Mrs. Edwards, falando recentemente a um jornalista que a entrevistou, disse que estava muito feliz em viver naquele deserto e que gostava imenso de «ser homem». Concluiu com estas palavras: «Agora parece-me impossível como eu me tornei à minha vida antiga de hipocrisia e futilidades. Acabei com todos os males que inferiorizam a mulher. Abaixo «manucures», abaixo massagistas, abaixo chás e recepções!».

O jornalista que entrevistou Mrs. Edwards entre os índios diz que ela tem o rosto coberto de pelos como um homem e que todos os seus modos pertencem ao sexo forte. E pergunta: «teria ela fugido da sociedade por causa dos pelos que lhe cobrem a cara ou eles apareceram depois que se vestiu de homem?»

De qualquer maneira, a opinião de Mrs. Edwards sobre a sua vida passada não é nada lisonjeira. Que dizem a isto as nossas leitoras?...

PELES VERMELHAS

O célebre antropologista norte-americano L. H. Wilfred foi encarregado pelo Instituto Rockefeller de estudar o problema da origem de certos homens que vivem no território do alto Amazonas, no selo das tribus indianas, e que se distinguem pela cor absolutamente branca da pele e pelos louros cabelos que têm. O sábio norte-americano visitou a região e procedeu a um minucioso

inquérito junto dos mais velhos peles-vermelhas brancos. As conclusões a que chegou foram agora publicadas em relatório oficial.

Na opinião do professor Wilfred, a tribo referida que há tantos anos intriga os antropologistas, é formada por descendentes da tripulação revoltada da nave «Madagascar», que naufragou ao largo das costas sul-americanas. Levando consigo alguns passageiros, os piratas meteram-se pelo interior da região e depois de chegarem a um acordo com os índios, fundaram a colónia dos peles-vermelhas... brancos...

Mãos prodigiosas...

PARECEM imagens «surrealistas» mas, na verdade, não passam de simples instantâneos tirados com relâmpagos de luz emitidos pelo estroboscópio. São vários momentos de um tocador de bateria. Por aqui podem ver os mil movimentos que as mãos executam e, sobretudo, a destreza que é necessário possuir-se para se ser um hábil tocador deste difícil instrumento. Muitas vezes, os movimentos são tão rápidos que a máquina fotográfica nem consegue captá-los.



A ameaça da televisão

PRESSENTEM-SE nas trevas os aloeas da Paz. E começam a agitar-se problemas dos tempos futuros, na ânsia de antever soluções para os acontecimentos que vão dar-se, inevitavelmente, quando a guerra findar. E pergunta-se: Que sucederá ao Cinema? A indústria continuará dentro da orgânica que tem comandado os seus passos? O próprio espectáculo não será afectado por novas descobertas noutras campos industriais? E, à boca pequena, como se houvesse o perigo de despertar a hidra das sete cabeças, adormecida à porta dos estúdios, pronuncia-se a médo, com temor indefinido, esta palavra ameaçadora — televisão!

A Grande Guerra trouxe, não resta dúvida, nos anos subsequentes, a telefonia e aviação. Em duas décadas, da infância passou-se à maturidade. Quando as legiões germânicas irromperam pela Polónia — a televisão encontrava-se em franco progresso e prometia atingir um aperfeiçoamento técnico satisfatório. Muita mais adiantada, aliás, do que a radiofonia, no termo da outra guerra. Hoje, há estações tele-transmissoras a funcionar regularmente na América, de forma a permitir uma boa recepção em casa, num ralo de cinqüenta quilómetros. Em poucos anos, estamos certos, a televisão ocupará nos nossos lares um lugar semelhante ao da telefonia. Há que aperfeiçoar e embaratecer as aparelhagens. Mas que é isso, comparado com a tarefa já realizada dos primeiros passos até aos resultados dos nossos dias?

E pergunta-se: quando tal acontecer — o cinema deixará de ser o que é?

Nada mais ingrato do que arriscar previsões sobre o que vai suceder. O tempo caminha com uma velocidade que excede a da própria capacidade da imaginação humana. O que ontem se tinha por inacessível quimera, encontra-se, nos nossos dias, praticamente realizado. E aquilo que hoje se nos afigura impossível será amanhã uma rotineira realidade. Mas, se não queremos fazer vaticínios, nem por isso nos recusamos a bordar sobre tal tema algumas considerações.

O Cinema é uma indústria caríssima, que mobiliza milhões. Qualquer filme custa rios de dinheiro — e para se amortizar necessita, muitas vezes, de correr os cinemas do mundo inteiro. Tal facto parece afastar, desde logo, a hipótese de se fazerem filmes «exclusivamente» para a tela-transmissão. E desde que não sejam realizados com tal intenção — pondo de lado os problemas de ordem técnica, que aconselhariam possivelmente esse exclusivismo — é evidente que o produtor não vai permitir que o seu filme possa ser visto gratuitamente, no lar de cada um, porque isso seria o mesmo que diminuir as possibilidades de amortização.

Como estão vendo, encaramos o problema sob o aspecto prático, e com o mesmo spiritivismo com que habitualmente se advoga a possibilidade contrária. Cremos, pela nossa parte, que vamos ter depois da guerra — a onda da televisão. Mas daí até admitirmos a morte do cinema, vai um abismo, por não vermos possibilidades económicas de realizar filmes exclusivamente destinados à transmissão a distância.

O tempo dirá — até que ponto a razão estará do nosso lado.

FERNANDO FRAGOSO

A CASA ENSOMBRADA

TENHO, pelos fantasmas, a mais alta das considerações. Sombras etéreas que nos perseguem, forças invisíveis a exercer sobre nós estranho domínio — purificam as almas pelo sofrimento, no fogo lento que não arde e que nos consome. Chamam-se Saúde, Clíme, Remorso — e desisto de os enumerar, tantos são e tão subtils. Ora se instalamos dentro de nós, a segredar vozes longínquas; ora se divertem a torturar-nos com imagens que o tempo levou. Tão depressa palram na penumbra macia da sala, onde palpita a figura de uma mulher ausente; como se debruçam na janela, onde já não floresce o sorriso feito de encanto e de luz. E se trazem consigo punhais, com que nos revolvem as feridas — as mais das vezes preferem agir como o ópio, que se nega ao fumador viciado...

Quando os fantasmas arrastam cadeias por vetustos castelos — e enchem de lamentosos sons as abóbadas úmidas, onde costumam aparecer a deshoras — perdem imediatamente o malféfico poder que lhe confere a imaterialidade, para tomar o ar brincalhão de «imortais» resolvidos a pregar partidas aos que por cá ficaram. E acabam, quasi sempre, por ser caçados, na primeira curva...

O cinema, nos últimos anos, tem-se entretido a contar a história destes espectros amáveis, em filmes onde se exploram as picarescas aventuras do seu transitório regresso à terra. E tivemos, assim, desde a série do «Topper» (O Par Invisível) até à comédia de René Clair, «Casel com uma Bruxa». Os fantasmas surgiam sob as formas esplendorosas da «Connie» Bennett e da silhueta «sophisticated» da quasi invisual Veronika Lake. Se as avantesmas fossem assim, qualquer de nós quererla ser pardiello abandonado ou

castelo em ruínas — só para lhes poder dar conforto e agasalho... «A Casa Ensombrada» — porque não «Assombrada»? — que o Eden nos deu, é uma agradável comédia, onde se fundem as características de quasi todos os filmes em que intervem as personagens do Além. Há cenas que estão a pedir Bob Hope — e outras que costumam ser o «morceau de bravoures» dos filmes de terror. Por isso «A Casa Ensombrada» impressiona e diverte, faz rir e sorrir — provoca, na plateia, gargalhadas e desmaios. (Damos os «desmaios» sob reserva, muito embora nos garantam ter-se verificado um deliquo na noite da estreia...)

O que é a história? Na sua essência, apenas isto: o drama de um fantasma que habita um velho castelo sobre o mar. Ao dar a meia noite, o fantasma aparece sob a forma de um gélido efúvio de perfume caro. Apagam-se as luzes, os animais fogem espavoridos. Há luminescências nos recantos escuros e lamentos doridos, em sincronismo, com os bramidos do oceano. Os donos do castelo concluem que o fantasma é uma alma que sofre. Para a apaziguar, procuram desvendar os segredos da família que ali viveu. Deslindam o drama. E quando, por fim, conseguem pôr tudo em pratos limpos, avisam a alma penada de que pode regressar à Paz tumular. E o fantasma, que chorava lamentoso, vai-se, para sempre, tranqüilizado as Inquietações e agora ao som das cristalinas gargalhadas da sua alegria...

Esta história pueril é realizada, quasi sempre, com leveza e com garra. Se o realizador falhou, por exemplo, na sessão de espiritismo — um êxito de gargalhada! — conseguiu, amiúde, dar-nos o ambiente «espectral» daquelas paredes. E o

(Continua na pág. 16)

Nome: Barbara Hale. Idade: a das ilusões. Nacionalidade: americana. Sinais particulares: um amor de rapariga quando ri. E agora, leitores, esperem vê-la num filme, num papelinho pequeno — começa agora, e não pode aspirar a grandes voos — e tratem de identificá-la. Barbara Hale — um nome a decorar.



A ex-mulher de Chaplin casou-se!

Charlie Chaplin já tem sucessor no coração de Paulette Godard, sua ex-mulher e parceira de «Tempos Modernos». O noivo é um actor conhecido, Burgess Meredith, e que o nosso público admira, sobretudo depois da sua excelente criação em «As Mãos e a Morte». A foto foi tirada em plena lua de mel. A sorridente e enternecida atitude dos noivos não desmente a afirmação.

O adeus a Portugal...

CARLOS ARRUZA partiu para o México e confiou-nos as suas últimas impressões

ESTAÇÃO Marítima de Alcântara. De bordo do «Serpa Pinto», junto do cais, vem o rumor próprio dos trabalhos da partida. A grossa chaminé deixa fugir ténues raios de fumo negro que se esbate vagarosamente no azul do céu. As máquinas estão sob pressão. Batem quatro horas e o sol dardeja como em Julho, nas tardes de festa brava.

Carlos Arruza chega com sua mãe. Rodeia-os uma multidão de caras conhecidas no meio aficionado: amigos, críticos taurinos, toureiros, empresários, admiradores... Aproximam-se fotógrafos para recolher nas suas câmaras o «momento» da partida do verdadeiro triunfador da temporada de 1944, tanto nas praças espanholas como portuguesas. Em presença desse herói da arena, tão arrogante e valeroso ante os touros, como simpático e simples na vida particular, não podemos deixar de evocar os seus sucessos e vimo-lo trajando «de luces», majestoso no «sterno» de ouro e seda, a burlar a investida de um touro, com aquela graça natural do seu toureiro tão cheio de cor como de domínio. Por um momento, perpassou pela nossa mente uma das suas «faenas» enormes, artísticas, dominadoras; vimo-lo correr a mão com suavidade em «naturais» indiscretíveis, erguer o braço mandando em fantásticos «passes» de peito, impôr a figura em galhardas «molinetes», para depois fazer o que ninguém ainda conseguira: tourear de «rodillas» quando os touros já não podem arrancar francamente, quando já estão possuídos de excessivo e perigoso sentido... Vimo-lo ainda como nessas imagens galhardas que os jornais espanhóis todos os dias ofereceram, delirantemente aplaudido, passeando pelas arenas o seu sorriso triunfador, tendo na mão as orelhas dos touros que matou.

— *Hasta pronto!*
Despertámos. Arruza estava junto de nós, despedindo-se.
— Sorte, muita sorte, Carlos, é quanto sinceramente lhe desejamos.
— E bem precisa me é. Regresso ao México com um prestígio que sei perfeitamente ser muito difícil de defender. Vou, porém, disposto a não perder um palmo de terreno conquistado.

— Lembra-se de que, quando veio, dizia que não tourearia...
— É verdade. Mas teve que ser. Foi-o, porém, com o maior prazer,

creia. Em Portugal, seria ingratião negar-me a tourear, depois de constatar o ambiente de sincera confiança criado em torno dos toureiros da minha terra pela maioria do público. Em Espanha era preciso defender o prestígio alcançado por outros toureiros mexicanos e aproveitar o melhor possível a boa disposição resultante da solução do conflito tauromáquico.

— Pode estar satisfeito, Arruza, porque os seus fins foram atingidos tão completamente que não há memória de tão absoluto triunfo como o seu...

— Fez-se o que se pôde, não só por uma questão de brio pessoal como ainda e principalmente, pela festa brava e pelo México. Apenas cumprí um dever.

— Quando volta?

— Em Março. Os contratos que firmei para a próxima temporada começo a cumprí-los no fim desse mês.

— E já sabe quem o acompanhará?

— Sim, mais ou menos... Gregório, que tem um bom número de compromissos, Silverio Perez, «Armillita», Procuna...

— Pensa que «Armillita» ainda interessará à «afición» espanhola?

— Sem dúvida! Fermín Espinosa é um caso à parte, único. Tem uma fortuna superior a três milhões de pesos e, no entanto, quando toureira, «arrima-se» como o novilheiro mais deseioso de fama e de pesetas. «Armillita» é um símbolo — o primeiro, o maior...

— Teremos então, para o ano, uma temporada brilhantíssima?

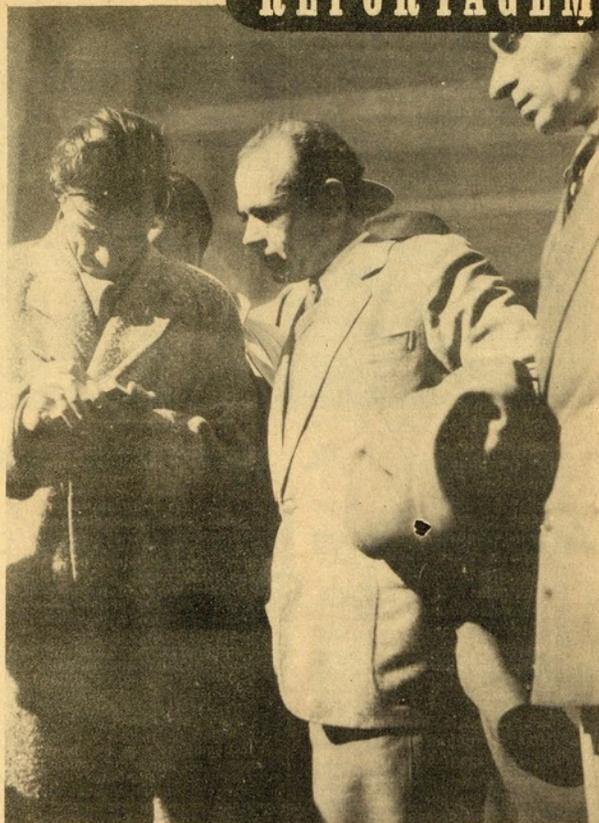
— Creio que sim. Viremos todos com o maior desejo de triunfar, desejo que se torna maior em todos nós, os que por cá passámos este ano, porque temos deveres de gratidão contraídos para com o público.

— Levam então saudades?...

— Muitas. Eu, especialmente, pois recebi do público inesquecíveis provas de carinho. Nunca poderel esquecer a fidelidade com que a «afición» espanhola me acompanhou, confiante, depois de uma má tarde em Cadiz.

— E por cá?

— Por cá... o mesmo! Se algum ressentimento tinha, quando cheguei, é com alegria que afirmo ter-se dissipado completamente, tantas foram as gentilezas recebidas. Pois se as escreveu um livro enalte-



As últimas palavras para os portugueses, já no cais, ao lado de Jaime Duarte de Almeida.

cendo os toureiros da minha pátria...

— E, numa reverência graciosa:

— *Gracias!*

— Alguém se aproxima de nós, transmitindo os cumprimentos de despedida do cavaleiro Simão da Veiga, impossibilitado de comparecer.

— E os meus duzentos escudos? — reclama Arruza, sorrindo.

Indiscretamente, perguntamos a que se referia. Carlos explica, alegremente:

— Uma aposta que fizemos. O vosso grande Simão da Veiga estava recoso de tourear a pé em Madrid. Eu, que o vira em Viana-do-Castelo, encorajei-o e afirmei-lhe que se o fizesse obteria um triunfo e cortaria orelha. Como duvidasse, apostámos duzentos escudos. Simão triunfou. Cortou uma orelha em Madrid — perdeu a aposta e eu ganhei os duzentos escudos. Brevemente os virei receber!

Eram horas de partir. Arruza vai abraçar-nos, mas suspende:

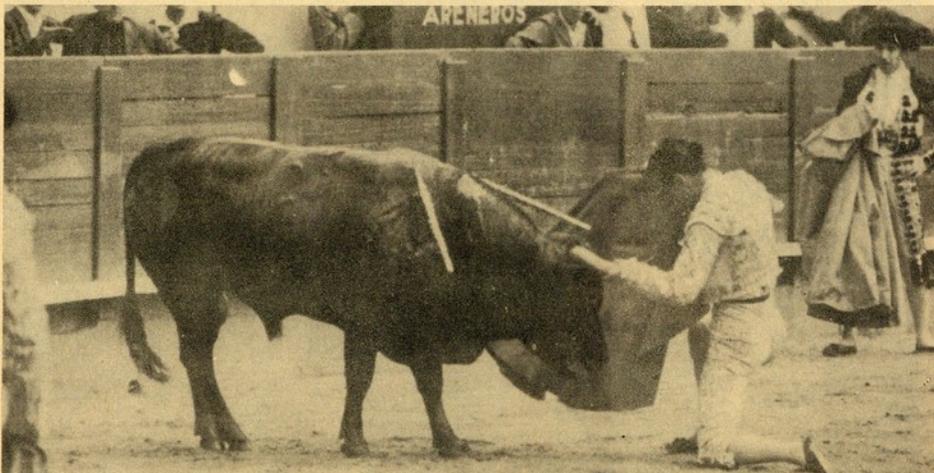
— Espere... Quero deixar, por intermédio de «Vida Mundial Ilustrada» o meu «adeus» à «afición» portuguesa.

Apressado, risca umas linhas despretenciosas mas espontâneas e por isso mesmo, sinceras.

Gregório Garcia e Leopoldo Ramos chamam Carlos. É necessário embarcar. Arruza entra no «Serpa Pinto» disfarçando a comocão.

Terminava a época tauromáquica. Apesar de não haver corridas, ela só teve o seu fim quando o barco se afastou do cais. Enquanto cá estiveram os toureiros mexicanos, a temporada manteve-se, nesses dias breves que os aficionados aproveitaram para, de todas as formas, homenagearem os bravos rapazes a quem tão boas tardes de touros ficaram devendo.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



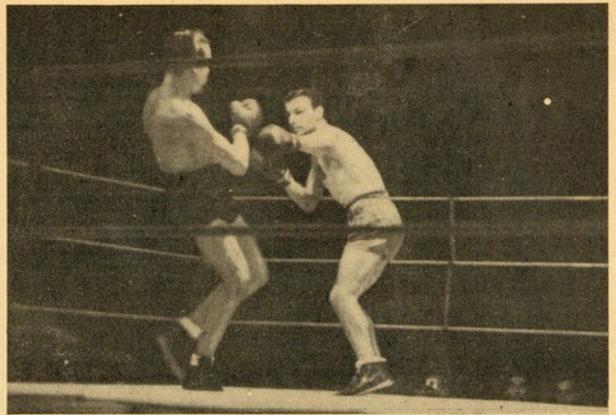
Arruza numa das suas tardes triunfais na praça de Barcelona, sereno e confiado, gigante do toureiro.



Assim percorreu Arruza as arenas espanholas: com as orelhas e rabos dos touros que matou!



Todos, a postos, antes dos combates na melhor esperança a vitória



Eis uma fase movimentada do encontro Silva-França

A última velada de box

António Silva foi campeão de Portugal 7 minutos e meio!... Agostinho Guedes manteve o seu título naturalmente

O «box» profissional, como o amador, vai por mau caminho. Mesmo com medidas drásticas, o panorama não se desanuvia. Foi esta a impressão, ou antes, esta a certeza, com que nos retirámos da última sessão de pugilismo no Campo Pequeno.

A velada começara com dois combates-relâmpago, que dispuseram mal o público, com e sem razão, porque os vencidos não eram homens para defrontarem os vencedores, especialmente no que diz respeito a João Teixeira, e porque afinal em luta de «box» é assim mesmo: sujeita a todas as contingências; tanto pode durar os assaltos previstos, como terminar ao primeiro.

A qualidade das duas pejeas de abertura foi inferior, o que não surpreende, porquanto os protagonistas, afora as suas poucas qualidades, ainda têm o contra de não possuir quem os oriente convenientemente e de não seguirem na maior parte das vezes as indicações elementares que lhes são fornecidas.

Os moçambicanos Tafói e Braga, com meia-dúzia de sócos «lquidaram» Jack Freitas e João Teixeira, ambos por «K. O.», sendo «técnico» o primeiro.

Arrumados os «preliminares», por norma «pratos» mal cozinhados, aos quais os organizadores pouca importância ligam, certos de que o «respeitável público» tudo comerá, uma vez que haja um, substancial, que justifique plenamente o dispêndio dos avultados escudos, cavou-se um intervalo de mais quinze minutos, o que deu origem a um córo interminável de protestos! E que o desfecho rápido de duas lutas iniciais não estava positivamente no programa e era preciso «esticar» a sessão até cerca da meia-noite!... Raciocínio inconcebível, demais que a noite estava fria, desagradável, a recordar mais uma vez, quanta falta faz um recinto coberto, com todas as condições para desporto de ginásio, que pela sua popularidade chamem grandes multidões.

Mas deixemos, por agora, o tema «Palácio de Desportos»...

Miguel França, 60 quilos, campeão de Portugal dos «leves» e António Silva, 62 quilos, candidato ao título, subiram ao «ring» para, sob as vistas do sr. Machado Júnior, fazerem o melhor combate da noite.

Dois estilos, duas características absolutamente antagónicas. Miguel representa a calma, que não se altera, nem nos mais graves momentos porque possa passar um calculista, que sabe o que faz, mas que denuncia claramente ausência de «ring». Este rapaz precisava de lutar mais vezes. Tem o estófo de um campeão. Leva uma vida metódica e não deixa de calçar as luvas. A sua posição no «ring», sempre com uma segura base de sustentação, é excelente. Mas falta-lhe competição. Se cá na terra o «box» fosse tomado a sério, o que poderia ser Miguel França?

António Silva é todo nervos, todo contrações. Ágil e rápido, nem sem-

pre doseia o emprégo dessas qualidades, o que o conduz a um cansaço prematuro. As suas aptidões para o pugilismo são das melhores. Bate bem e a sua «esquerda» nada fica a dever à «direita» famosa. É curioso até assinalar que os golpes que França acusou com mais nitidez, especialmente no quarto e oitavo assaltos, foram aplicados com a esquerda.

O campeão, de resto, teve o cuidado de «segurar» o mais possível o punho célebre de Silva, que só no décimo «round», teve um ensejo magnífico que não desperdiçou, forçando Miguel a cambalear ligeiramente. Não insistiu, porém, e o adversário recompôs-se num ápice.

Este António Silva, também amparado com consciência e seguindo uma vida de autêntico profissional, poderia ambicionar subir mais alto. Não é, entretanto, que nos conste, a sua principal preocupação...

A luta, repetimo-lo, foi a melhor, a única que se aproveitou, como espectáculo de «box» e até como combatividade.

Ambos procuraram a vitória com denodo, ambos mereceram bem a bolsa atribuída e os aplausos recebidos.

Miguel França tentou impôr a tática que mais lhe interessava, o combate de perto. Silva, sem vanta-

gem nenhuma com esse sistema, prendeu a meia distância. De forma que o quadro da luta traça-se assim: França conduziu o combate, mas os seus golpes não tinham a eficiência precisa para anular os contra-ataques lançados com oportunidade e boa «marca», por António Silva! O «challenger» teve cinco assaltos de superioridade. Nítida: o 4.º, 8.º e 10.º; ligeira: o 6.º e o 7.º!

Miguel França chamou a si, sem discussão, o 3.º, o 11.º e o 12.º. Nos restantes, acentuado equilíbrio.

O árbitro decidiu pela vitória de António Silva, depois de consultar os boletins do júri. Quanto a nós, bem, ressaltando mesmo a circunstância do campeão, em face dos regulamentos, poder ser beneficiado, por lhe pertencer já o título. Aplausos e protestos, como é da praxe. O que se passou sete minutos e meio depois é que é espantoso e inédito, em qualquer parte do mundo. Comunicava-se ao público que se verificara ter havido engano na contagem de pontos, engano de que era responsável o árbitro e por consequência anulava-se a vitória de António Silva, dando-se o combate como nulo!... Isto passou-se no Campo Pequeno, numa data que convém fixar, para a história do «box»: 25 de Outubro de 1944!... Sob o ponto de

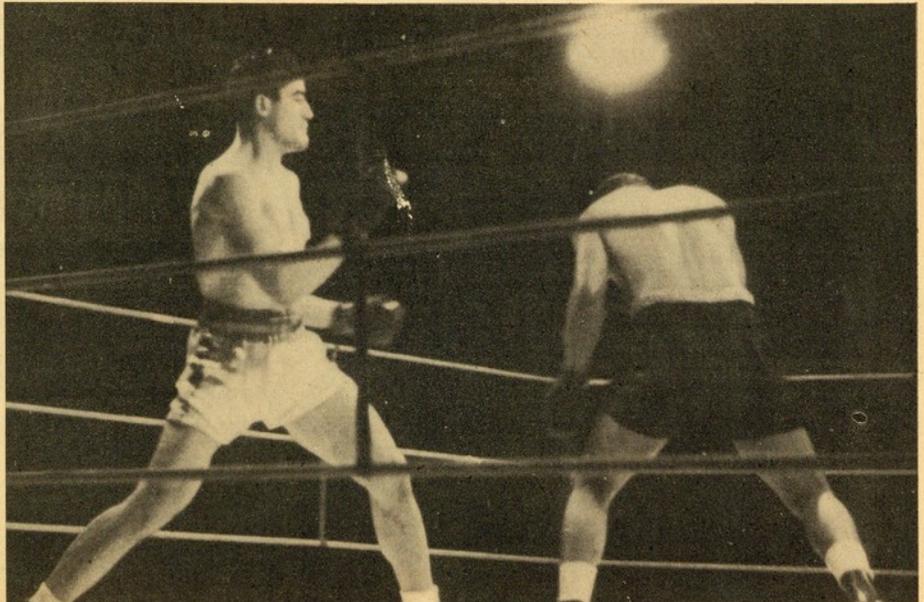
vista «arbitrariedade», não se pode desejar melhor, nem mais completo! O júri desautorizou publicamente o árbitro, dando aos espectadores a impressão de que os juizes se transformam dia a dia, em simples automáticos, sem vontade nem opinião próprias!... É sério e grave o problema, porque por outro lado, se pretende dar-lhes toda a autoridade e força!...

Como havemos, mesmo com boa-vontade, de tomar o «box» português a sério?...

O combate de Guedes (76 quilos), com Matos (79 quilos), sob a arbitragem do sr. José Araújo, não respondeu à expectativa.

Guedes pensou que para manter o título necessitava apenas não deixar o adversário tomar balanço. Passou dōze assaltos, numa exibição tão cautelosa como pobre. O seu treinador, a partir do quarto assalto, ordenou-lhe que entrasse decididamente com a «direita». A recomendação ouviu-se de assalto para assalto, mas o campeão não se convenceu. A «direita» riscou o ar algumas vezes, mas sem convicção. Só no nono «round» é que a fez funcionar a valer, colocando o moçambicano em dois transes mais perigosos. Mas como o ataque não teve continuação, Matos refaz-se sem dificuldade. E, afinal,

(Continua na pág. 16)



Um momento emocionante do combate Guedes-Matos

CORRESPONDÊNCIA

Miss Vany (Faro) — Comunica que deseja corresponder-se, por intermédio desta secção, com o Inspector Serrano, «Osifras», (Faro).

Mário Claro da Silva (Pôrto) — Estimo as melhoras. E fico aguardando os seus problemas para a nova série.
Leiria Dias (Lisboa) — A resposta à sua pergunta vem no número passado. Leia, por obséquio, «Concursos Mensais de Mistério e Aventura». Pode e deve concorrer em ambas as modalidades.

A. Faria de Aboim (Lisboa) — Pode enviar esquemas, sim senhor. Mas a tinta da China e dum só lado do papel.

Mademoiselle Loira (Faro) — Acede a corresponder-se com Inspector Serrano, «O Sifras», por intermédio desta secção.

Manuel do Carmo Peres (Lisboa) — Gostaria de se corresponder, por intermédio desta secção, com solucio-

nistas do Pôrto e Faro, onde espera ir em breve com frequência.

Uma Desconhecida (Lisboa) — Não posso responder aqui às perguntas que me faz sobre Alberto de Oliveira. São confidências. Mas talvez ele queira responder...

NOTA IMPORTANTE — Por terem apresentado, de facto, deduções parcialmente perfeitas, ainda que insuficientes para figurarem no Quadro de Mérito do Problema n.º 20, receberam Menção Honrosa os seguintes solucionistas: Natércia Pereira Leite, Zírteba, Luzman, Ivone Costa, Detective Agoreano (todos de Lisboa), Mário Claro da Silva, Inspector Montenegro (ambos do Pôrto), Fanasha, M. S. A. (ambos de Coimbra), Elvira Castro, Fernando Edgar Trigo (ambos de Ermeziñde), Filipe de Aguiar (Foz-do-Douro), Adolfo Lima (Famalicção), Teimoso n.º 1 (Loulé), Repórter Guadiana (Farede) e Rocanói (Nelas).

REPÓRTER MISTÉRIO

Concursos Mensais DE MISTÉRIO E AVENTURA

REGISTO DE PROBLEMAS — Entraram nesta secção para serem devidamente estudados, mais os seguintes problemas:

Quem Matou Woolf — por R. P., (Lisboa).

O Mistério de Stella Essington — por Inspector Manardo, (Setúbal).

Roubaram um diamante — por Mimi Sherlock Holmes, (Lisboa).

FICHEIRO — Continuamos a pedir a todos os leitores desta secção para que nos enviem juntamente com o seu pseudónimo — aqueles que o usam — o nome e a morada, para conveniente registo do nosso ficheiro particular.

Eslarecimento — Voltamos a informar que as condições para ser produtor de problemas para os futuros Concursos Mensais se resumem em apresentar problemas bem feitos, lógicos, originais, que depois serão seleccionados, quanto ao seu valor e interesse. Creemos que assim ficarão esclarecidos todos os leitores que fazem a sacramental pergunta: «Que é necessário para ser «produtor» nos Concursos Mensais?».

Qual é a sua opinião? — Lisongeados com o êxito desta nova secção, que, repetimos, se destina a fomentar uma troca de idéias sobre Os Concursos Mensais, os problemas e a orientação da página «Mistério e Aventura».

Desta vez pedimos a Mimi Sherlock Holmes, Alberto de Oliveira, Artur Varatojo e Manuel Pereira Soares que nos dêem por escrito, e sucintamente, como de costume, a sua opinião sobre tudo o que acima apontámos (orientação da página, em geral, e futuros Concursos Mensais, em particular).

CORRESPONDÊNCIA — Deve ser sempre dirigida a Repórter Mistério — «Vida Mundial Ilustrada» — Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

Quadro de Mérito dos solucionistas do problema n.º 20

(Por ordem alfabética)

MÉRITO ABSOLUTO:

- (16) Alberto de Oliveira, (Lisboa).
- (13) Alberto de Penamacôr, (Coimbra).
- (3) All-round Detective, (Mafra).
- (10) António C. Bernardo, (Loures).
- (15) Artur Varatojo, (Lisboa).
- (17) João Alberto Gouveia, (Lisboa).
- (9) José Bálamo, (Lisboa).
- (19) Leiria Dias, (Lisboa).
- (14) Manuel Pereira Soares, (Macédo de Cavaleiros).

- (13) Rómulo, (Lisboa).
- (11) R. P., (Lisboa).
- (6) S. T. Marranhekos, (Lisboa).

MÉRITO RELATIVO

- (7) Fernando Rosa, (Leiria).
- (4) José de Sousa, (Pôrto).
- (9) J. Simões, (Caldas-da-Rainha).
- (12) M., (Algés).
- (15) Mimi Sherlock Holmes, (Lisboa).
- (13) O Lobo Solitário, (Pôrto).
- (17) Rapsag, (Setúbal).

Solução do problema n.º 21

O detective compreendeu imediatamente que Marcelle mentia. Porque? Porque ela dissera (legenda 3) que deixara a prima dormindo e encostara a mesa do chá à cama, para evitar que Jeanne caísse. Ora, na foto 3 vê-se que a mesa está afastada da cama e na legenda 4 sabe-se que a mesa não apresenta nenhuns sinais digitais. Portanto Jeanne não mezeira na mesa, o que seria indispensável suceder se ela se tivesse levantado para ir buscar o veneno ao bolso do seu casaco, pendurado ao fundo do quarto.

Assim, o detective pôde acusar Marcelle, a partir dessa mentira e levantando a hipótese de que ela lhe impedira decisivamente a entrada no quarto da prima, não por piedade, e, sim, com médo de que Jeanne levantasse suspeitas sobre ela, na morte do doutor.

Marcelle acabou por confessar. Enciumada (sempre a causa do ciúme!) por Narcell dar preferência a sua prima, ela comprara um veneno forte e envenenara o copo dele. Depois, porém, temendo as suspeitas de Jeanne, aproveitou o momento em que a enfermeira saíra para envenenar um copo de água e obrigou Jeanne, mesmo adormecida, a segurá-lo (para deixar impressões digitais) e a bebê-lo.

Mas quando fez declarações ao detective quis mostrar-se boa em demasia e desmascarou-se. De facto, colocar a mesa junto da cama, para impedir qualquer queda — seria uma bonita acção. Esqueceu-se, porém, que às vezes basta um simples porre-mor para deltar por terra o melhor salibis. E ela levava o cuidado ao extremo de limpar todos os seus sinais digitais da mesa, de tal modo que esta ficou sem sinais digitais alguns. E isso foi o bastante...

Classificação geral dos solucionistas

Por absoluta falta de espaço, ainda êste número não podemos publicar a lista com a classificação geral dos solucionistas. As nossas desculpas.

PROBLEMA N.º 22

Uma prova de exame

COM a solução do problema n.º 20 surgiram, inesperadamente, graves alterações na posição dos solucionistas, sobretudo nos que figuravam à cabeça: Zírteba, Natércia Leite e Leiria Dias. Perdido um ponto por cada uma das primeiras — ficou agora Leiria Dias possuidor da «censurola amarela». Por quanto tempo? A ver vamos... Ainda a respeito do problema n.º 20, queremos pedir desculpa duma omissão tipográfica na solução. A seguir ao período que termina em «suspeitas do inspector» vinha um outro período que se esqueceram de pôr: «tanto mais que para aumentar a ilusão inscreveram logo na papeloteia o nome da futura Madame Vares. Mas isso pouca ou nenhuma importância teve para os que souberam encontrar uma boa solução.

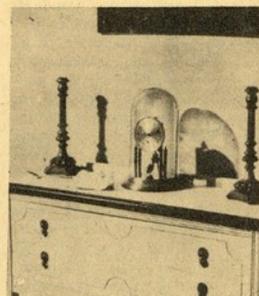
Vejamos quem sai aprovado desta curiosa prova de exame, que é o problema n.º 22. Mas não esqueçam. As respostas devem ser enviadas até ao dia 8 de Novembro, sem falta. Senão...



1 — Reparem bem nesta fotografia. Ela representa um recanto da sala do senhor X, onde ele recebeu os seus convidados para o jantar.

Estiveram conversando ali durante um bom bocado e depois foram jantar.

Foi precisamente no fim do jantar, quando já se tinham levantado que, de repente, um dos convidados agrediu o senhor X.



2 — E aqui temos em cima deste móvel alto e elegante, o instrumento de que o convidado se serviu para o agredir. Apesar do senhor X ser um homem forte, com cerca de um metro e oitenta e cinco, antigo praticante de «box» e actualmente distinto oftalmologista, o agressor conseguiu prostrá-lo imediatamente com uma pancada violenta no alto do crânio.



3 — Finalmente, uma fotografia da mesa no final do jantar e vendo-se ainda o senhor X tombado junto da cadeira. Agora apurai as vossas faculdades de observação e respondei às seguintes perguntas desta prova de exame:

- 1.ª — Quantas pessoas convidou o senhor X para jantar consigo? Porquê?
- 2.ª — De que sexo eram êsses convidados? Porquê?
- 3.ª — Em que estação do ano deve ter corrido êste crime? Porquê?
- 4.ª — Qual era o principal prato do convidado B (à esquerda da foto)?
- 5.ª — O que bebeu o convidado A?
- 6.ª — Tem alguma coisa a dizer sobre os relógios? O quê?
- 7.ª — Quais os objectos encontrados em cima do móvel da foto 2?
- 8.ª — Quantos livros estão em cima da mesinha da foto 1?
- 9.ª — O casaco deixado sobre o divã tem ainda a etiqueta da «Loja da Mocidade Feminina». Que importância pode resultar disto, para o nosso caso?
- 10.ª — Há alguma coisa fora do seu lugar, no divã?
- 11.ª — De que objecto se serviu o assassino?
- 12.ª — Qual dos convidados foi o assassino do senhor X? Porquê?
- 13.ª — Diga se o crime foi premeditado e indique as características físicas dos convidados A e B.

Cada resposta totalmente certa vale 5 pontos. Mérito Absoluto para os que conseguirem 60 a 65 pontos. Mérito Relativo para os que somarem 35 a 60 pontos.

(Leia as respostas no próximo número)

RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ
O ÚNICO NO GÊNERO
AVENIDA DA LIBERDADE, 240-1.º ★ LISBOA ★ TELEFONE 4 1084

A HORA DE TODOS
por J. R. S.

A luta na frente ocidental é uma «suíte» de ritmos diferentes. A batalha do desembarque foi a primeira fase, seguida de estabilização a longo prazo. Quando se operou a rotura, veio a fase de movimento, que deu, por assim dizer, a libertação do solo francês, episódio fértil em conseqüências políticas, desde a instalação do governo de De Gaulle em Paris até ao seu reconhecimento pelas potências. Mas a luta estabilizou-se de novo, não longe da linha de fronteiras, com uma ou outra penetração no território alemão, para nos dar a batalha de fortalezas, a que assistimos já há algumas estradas semanas. Não há motivo para surpresas, nem para interrogações. Está na ordem natural das coisas, sabendo-se que as «sondagens» para se avaliar a consistência da frente têm que se operar numa extensão de muitos quilómetros, em apalpadelas sucessivas, uma aqui, outra ali, à procura do ponto fraco por onde possa fazer-se a nova erupção. Os blindados de Patton não perderam, por certo, o segredo da manobra, nem o seu poder ofensivo, nem a vontade do combate. Simplesmente — aguardam, preparam a nova oportunidade...

Enquanto, deste modo, se perde o sentido espectacular do combate — o leitor que só vive a contenda nos telegramas deseja-a sempre fulminante — anima-se de novos impetus o teatro de operações no Extremo Oriente, onde as forças aliadas do general MacArthur e do almirante Nimitz se aventuraram em assaltos de grande estilo às posições onde se instalaram os japoneses logo no começo da guerra, quando o americano, desprevenido, mal recobrava forças para se erguer do chão depois do «knock down» terrível de Pearl Harbour. A «finta» do bombardeamento, dias seguidos, à Formosa preparou a surpresa do desembarque no coração das Filipinas, para onde logo foi, com o seu governo, o presidente Sérgio Osmena. O lance é de alta importância militar e de profunda significação moral e política, sendo fácil de entender quanto, em vésperas do acto eleitoral transcendente da próxima semana, em que se joga a recondução de Roosevelt, este aspecto representa para a opinião americana. Toda a publicidade americana sobre o desembarque das Filipinas girou, efectivamente, em torno deste «slogan»: «conforme prometemos, cá estamos; de cá nos obrigaram a sair e cá voltamos». MacArthur, que comandou a resistência e a retirada, comanda agora o retorno impetuoso. Há, manifestamente, o propósito de pôr bem em evidência o significado, por assim dizer, de reparação que se opera nesta altura da guerra. O regresso de Négus a Addis Ababa está talvez esquecido e pode parecer...

(Continua na pág. 16)

A INDOCHINA continuará francesa

RECENTEMENTE, o general De Gaulle anunciou a necessidade imperiosa de dirigir um exército aguerrido e bem equipado para combater o Japão e defender os interesses franceses no Extremo Oriente. Esses interesses fixam-se, em primeiro lugar, como é compreensível, na Indochina. Vejamos, porém, em poucas linhas, quais são esses interesses e os problemas que surgiram, a partir do momento em que o Governo de Vichy se volatilizava e o Japão se apressava a proclamar a anexação da Indochina.

Que se passou, pois? Isto, apenas: ao passo que Vichy, a 20 de Agosto último, investia o almirante Decome, governador da Indochina, de todos os poderes para prosseguir na política de colaboracionismo franco-japonês — o Japão, a 25 do mesmo mês, declarava que aquela massa de colónias e protectorados passaria a província autónoma do Império nipónico. Ao mesmo tempo, o almirante Decome era informado de que, a partir de então, deveria tratar directamente com o Japão, dos assuntos referentes àquela colónia. Era o final de um drama que começara quatro anos antes — a 23 de Setembro de 1940, quando passados alguns meses sobre a queda da França, o Japão, em forma de ultimatum, impunha a Vichy um acordo militar, incluindo a cedência de três aeródromos e o direito de passagem de tropas a caminho da China. A margem deste acordo, porém, os japoneses ainda atacaram a Indochina e ocuparam alguns pontos estratégicos. Enfim, a 11 de Março de 1941, e sob pressão de Tóquio, Vichy cedia ao Sião três províncias de Laos e do Cambodge — qualquer coisa como 70 mil quilómetros quadrados.

Depois, logo quatro meses mais tarde, a 23 de Julho de 1941, os japoneses ocupavam toda a colónia, sob o pretexto de controle e aproveitamento máximo de produção de arroz, e ainda, para facilidade dos transportes militares, dificultados pelos elementos degaulistas e chineses.

Como podia Vichy opor-se a esta «ocupação temporária»? Naturalmente, aceitou os factos e Pétain, do alto da sua impotência, declarou que «o império francês seria defendido contra qualquer agressor» — aliás, era o «refrain» de Vichy, cada vez que à França era ampu-

tada alguma parcela do seu sagrado terreno. A verdade, porém, é que o negócio da Indochina ainda não estava concluído. E, assim, a 4 de Março de 1943, um novo acordo entre Vichy e Tóquio dava aos japoneses o direito de all exercer o comércio, a agricultura e outras profissões, sem esquecer a liberdade de aquisição de propriedades, tal e qual como os franceses. Finalmente, veio a ocupação total e pura da Indochina.

Agora, porém, os franceses unidos falaram pela boca do Presidente do seu Governo Provisório. E, numa comunicação, a França lembrou ao mundo os seus direitos sobre a Indochina e destituiu o almirante Decome de todos os poderes, negando-se a reconhecer os passos da política de Vichy.

«A sorte da Indochina será regulada entre o Governo da República e o Governo Japonês — mas pelas armas» — declara De Gaulle.

À sua chegada a Paris, Pleven, ministro das Colónias, declarou, por sua vez: «Havemos de recuperar a Indochina pela força».

Entretanto, vejamos o que é hoje esta colónia francesa que, até 1943, não sofreu demasiado as conseqüências da guerra, muito embora as suas comunicações com o exterior, mercê da queda da França e da luta no Pacífico, terem-na obrigado a «viver por si». Ainda assim, como em 1941, a Indochina pôde, em 1943, exportar mil toneladas de arroz, contra 1 milhão e 680 mil exportadas antes da guerra e retiradas de uma produção de 6 milhões de toneladas, pois era no mundo o segundo grande país exportador de arroz. Também a exportação de carvão, «caoutchouc» e milho naturalmente baixara — todavia, foi em 1943 que a situação se agravou, com a falta de instrumentos de cultura e os bombardeamentos que passaram a destruir fábricas, meios de comunicação — e, em primeiro lugar, cite-se o facto de deixar de existir ligação entre os portos de Saigão e de Haiphong. A crise de transportes, motivada nas dificuldades de renovação de material rolante, aliaram-se às dificuldades de alimentação e tornaram a situação mais penosa. O vinho desapareceu — o preço do arroz quadruplicou. Mas a Indochina sabe quanto deve à mãe-pátria — e os indochineses, que estiveram sempre activos contra a ocupação, esperam que o seu destino retome o caminho do passado — que é o final, o do futuro...



Duas visitantes enfermeiras americanas do Centro de Saúde de Henry Street, de Nova York, estudam no mapa os diversos distritos da cidade e os caminhos mais curtos para chegar a casa dos doentes. Estas são velhas ou novas, pobres ou remediadas, porque a todos atenderão as visitantes com o mesmo carinho. A única condição necessária para continuar a ser tratada pelo Centro é a informação fornecida pelo médico assistente.

AMÉRICA PELA GRANDEZA DA RAÇA

Foi nos fins do século passado que apareceu essa jovem pioneira americana, Lilian Wald, a curar os doentes pobres da Henry Street, a parte baixa de Nova York. Foi ela, ainda, quem dois anos mais tarde conseguiu criar um corpo de visitantes-sanitárias. Era o Centro Visitador Sanitário, em pleno funcionamento, que levava conselhos e remédios aos pobres. E foi ele que serviu de modelo a outros muitos que existem por toda a América. As visitas são pagas, quasi grátis e grátis, conforme as posses dos doentes visitados. Com a guerra, naturalmente, aumentaram as funções dessas mulheres abnegadas. Vêmo-las, de bicicleta, porque os automóveis e a gasolina rareiam, andar de casa em casa, proteger crianças enquanto os pais trabalham nas oficinas, abeirar-se da cama dos enfermos, com o mesmo entusiasmo, a mesma convicção que é a legenda do seu trabalho: é preciso trabalhar pela grandeza da raça, é preciso dar ao mundo homens fortes e optimistas!



As visitantes sanitárias visitam amavelmente as crianças, ensinam a mãe a cuidar delas e até o futuro papá pode receber instruções, no sentido de ajudar sua esposa nos transe mais difíceis da arte de ser mamã. Harlem, a cidade negra, goza dos mesmos benefícios.



Eis um velho que não tem de que se queixar. Apesar de estar doente, não precisou de dar entrada num hospital e abandonar a direcção da família e da casa modesta, pois é tratado por funcionárias de uma das 16 sucursais do Centro de Saúde de Henry Street.

O combatente do "front" e a mulher alemã



ALEMANHA

Terminou a licença. Ele, ela e o filho vão para a estação. E o adeus: «voltaremos a ver-nos?» Mas os olhos dela reflectem extrema energia. Porque as mulheres alemãs são fortes, criam os filhos, unem-se aos maridos com o coração e o cérebro postos na guerra e na pátria. Todavia, o mundo não pode ser só feito com o pensamento em lágrimas e em guerras. Elas também riem e gostam de se divertir. De tal modo que um jornal suíço escreve: «os soldados admiram-se da sede de prazer que se apoderou da juventude feminina». Eis o assunto que daria um grande artigo e não cabe numa legenda. Todavia, fixando os olhos da mulher que figura nesta foto, não se lê angústia e serenidade?

PÁGINA DAS UTILIDADES



FÁBRICA PORTUGAL



CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA

SALÕES DE VENDA:

RUA FEBO MONIZ, 2-2.
Pr. RESTAURADORES, 49-57
AVENIDA DA REPUBLICA, 57
RUA DA GRAÇA, 82-84

TELEFONES
47157-8-9
2 4948 * 41189 * 49109

L I S B O A



MÁQUINAS DE COSTURA



HUSQVARNA



VENDAS A PRONTO
E A PRESTAÇÕES

CASTRO & SOUSA, L.^{DA}

P. DOS RESTAURADORES, 13. 3.º
LISBOA — TELEFONE 29888

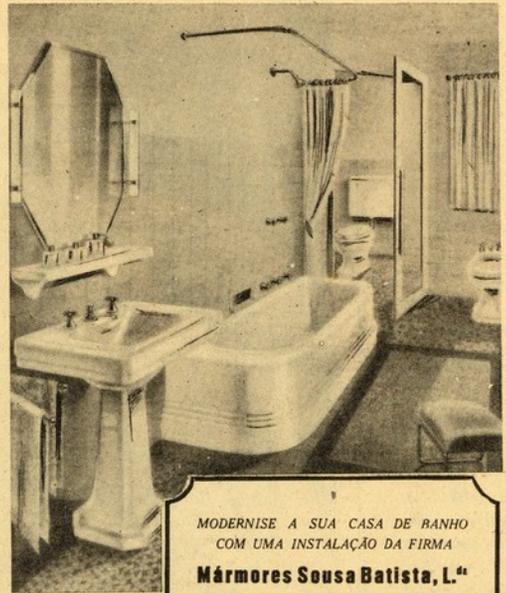
PHILIPS



1945

SÓNORIDADE PERFEITA

Casa José Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 2 4888



MODERNIZE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643



O VALOR DE QUALQUER DESENHO
EM PRETO OU COLORIDO AUMENTA
SE UTILIZAR OS LAPIS
DA MARCA

Caran d'Ache

REPRESENTANTES

GERAIS

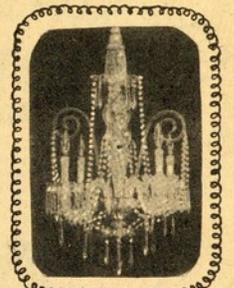
DUNKEL & ANTUNES, L.^{da}

R. AUGUSTA, 56-1.º

TELEFONE 2 4251

* LISBOA *

OS LUSTRES PARA AS DEBORAÇÕES
DE BOM GOSTO



Apliques, castiçais e candeeiros de mesa

J. R. DE BRITO
FABRICANTE

RUA LUÍZA TODI, 2
À RUA DE D. PEDRO V

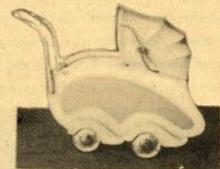
TELEF. 2 0497 — LISBOA



É PRECISO JUNTAR O ÚTIL
AO AGRADÁVEL!

FATOS HÁ MUITOS
MAS UM FATO BEM
FEITO É AO MESMO
TEMPO ECONÓMICO,
SO NOS ALFAIATES

GOVEIA & DIAS, L.^{DA}
R. do Arco Marquês de Alegrete, 20-1.
L I S B O A



CARRINHOS
E CADEIRAS
PARA CRIANÇAS

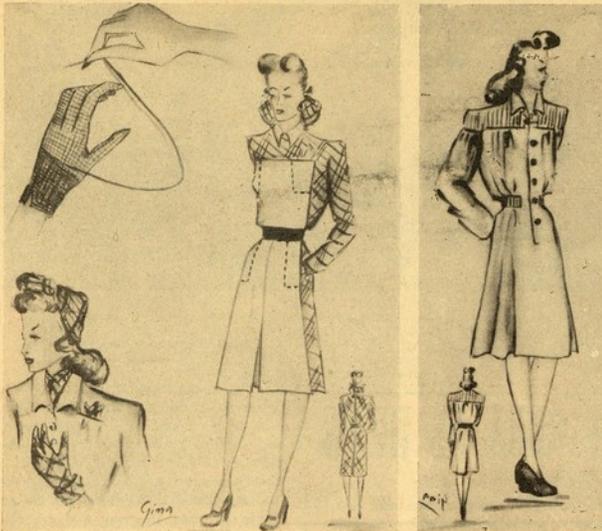
A PRONTO E COM FACILIDADES
DE PAGAMENTO

J. COSTA & SILVA, L.^{DA}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.
LISBOA — TELEFONE 2 6713

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

Os modelos da "Vida Mundial Ilustrada"



1) Com luvas de Verão poderão fazer umas lindas luvas de Inverno, passando nos buracos do «crocet» com uma agulha enfiada de lã grossa da cor que se desejar. As cores vivas podem dar lindos efeitos. Assim, por exemplo, com umas luvas de «crocet» azul escuro poderão passar lã da mesma cor, enfiando a parte de cima com outra lã de cor viva, conforme o próprio gosto. 2) Conjunto de fazenda em escocês. Luvas do mesmo tecido. Este conjunto é muito prático e elegante. 3) Vestido desportivo em escocês, com frente em fazenda verde e chito em camurça. 4) Vestido azul-marinho, enfiado com tecido às riscas encarnadas e botões na mesma cor.



Correspondência

LISBOETA EM FÉRIAS—Só agora conseguí o modelo que deseja e que apresentamos nesta mesma página. Creio que deve agradar-lhe e vai ainda muito a tempo.

O casaco, no modelo, indica uma cor acastanhada, mas pode fazê-lo, sem perda de elegância, todo em preto ou jogando duas cores que combinem. Todavia, não esqueça que o feltro e as luvas devem ser perfeitamente da cor da fazenda. A pele e os sapatos serão pretos ou castanhos.

No próprio regalo, com um pequeno fecho de correr será feito um compartimento que servirá de carteira.

Quanto ao tom que deve usar para «maquillage», se é muito branca, como diz, prefira indubitavelmente os tons claros.

MI-FÁ—Recebi a sua novelazinha. Gostaria de lhe dizer particularmente o que penso do seu trabalhinho. No caso de querer continuar no anónimo posso deixar uma carta juntamente com o livro na morada que indicou?



A beleza da linha consegue-se usando os produtos NOSEL

Água de Colónia
Seda líquida
Pó de arroz
Creme dental
Báton



1) Sua de fazenda verde, toda macheadada, blusa em «cricot» verde claro e casaco de fazenda xadrez largo verde e branco. As quatro algibeiras colocadas sobre o casaco emprestam-lhe um ar prático e gracioso.



2) Elegantíssimo casaco de inverno em fazenda e pele. O regalo e o enfeite do chapéu são da mesma pele que adorna o casaco.—(Pedido de «Lisboeta em Férias».)

PAGINA FEMININA



A morte da marquesa de Senonnes

O quarto está escurecido. Ligeiramente escurecido. A janela, a larga janela que deita sobre o parque, conserva-se fechada há já alguns dias. No leito, com as pálpebras descidas, Maria Marcoz parece repousar. O seu rosto está mais pálido e levemente emmagrecido. Mas o seu cabelo está bem penteado, as mãos bem tratadas e a sua camisa de noite é uma das obras-primas da sua modista. Há poucos momentos ainda, a boa «mademoiselle» Baudeau—sua dedicada enfermeira—disse-lhe, cheia de entusiasmo: «Vai curar-se, Madame, vai ficar boazinha em pouco tempo; se quisesse ver como está bonita!...»

Mas Maria Marcoz—a burguesinha de Lyon, como alguns lhe chamavam—a actual marquesa de Senonnes, não quisera verificar os progressos da doença. Era impossível estar ainda bela. Era impossível! Ela sentia a vida a fugir-lhe aos poucos!...

Pé ante pé, julgando-a a dormir, a enfermeira deixa o quarto e passa para a salinha do lado. Maria Marcoz ou, antes, Madame de Senonnes, abre então os olhos. Pela vidraça mal recoberta pelos pesados reposteiros, irrompe um traço forte de luz. E o sol. O sol luminoso da Primavera. O sol já quente de Abril. Madame de Senonnes fecha de novo os olhos e imagina-se lá fora, passeando no parque. Dum lado, encontra as perfumadas roseiras sob as filias. Do outro, as flores campestres, vistosas e simples. O peito alteia-se-lhe num suspiro fundo. Como ela desejaria sentir o sol a fechar-lhe os olhos, o ar fresco da tarde a beijar-lhe o rosto, o perfume das flores a entontecê-la. Doce embriaguez da vida que seria certeza de vida!...

Mas é impossível sair. Há dias já que o quarto se conserva assim naquela semi-obscuridade tristonha e agourenta. Aquela hora—ela nem sabe ao certo as horas que serão—o marquês, o pobre Alexandre de Senonnes, deve estar fechado no seu gabinete de trabalho. Em frente da secretária, vê-se um grande quadro pintado pelo célebre Ingres representando a mulher mais admirada daqueles últimos tempos. Orgulhoso, Alexandre de Senonnes costuma sorrir-lhe muitas vezes; outras, porém, prefere dizer-lhe baixinho: «Es minha, minha; por mais que te querem não suberão roubar-te; e sabes porque? Porque casámos por amor!...»

Madame de Senonnes torna a suspirar. O seu pensamento continua agitado: «Não, àquela hora, o marquês deve estar chorando, olhando o seu retrato. Alexandre é inteligente e bem deve calcular que em poucos dias mais terá de vida. O grande sonho de amor que unira a pobre costureirinha de chapéu ao elegante e jovem marquês Alexandre de Senonnes está quasi a extinguir-se! Que pena a sua vida ser tão curta. Se ela o tivesse podido adivinhar, como teria saboreado bem cada segundo de felicidade!...»

E Maria Marcoz—a bela Marquesa de Senonnes—não se enganava em cada uma das suas suposições. Aquela hora, o parque estava lindo, cheio de sol e perfumado. No seu gabinete de trabalho, Alexandre de Senonnes chorava desesperadamente, beijando em pensamento o retrato sublime que mortalizaria o jovem pintor Y. B. Ingres. Na luxuosa alcova da marquesa pairava a morte a procurar levá-la.

Pobre marquesa! Ela bem sente que vai morrer. Sente-o afitivamente, alucinadamente! Sente-o nos olhos, na boca, nas mãos, nos ouvidos, no próprio peito, a bater cada vez mais brando, mais brando!... Como desejaria gritar, gritar, até que chegassem todos junto dela!... Tem medo de estar só naquela meia luz horrível, naquele ambiente que de minuto a minuto a vai atafafando. Tem medo! Um medo imenso de morrer sózinha!... «Alexandre! Alexandre! Não fujas, vem chorar para o pé de mim!...»

Alvorozara-se e chamara alto. Aflixa, «mademoiselle» de Baudeau acorre. Olhando-a tristemente, a moribunda diz apenas:

—Chame o senhor marquês!...

Alexandre de Senonnes envelhecera nos últimos dias. A sua fronte, sempre tão jovial, está enrugada e os seus olhos brilhantes velados pela angústia. Muito silenciosamente, caminha até ao leito onde repousa a mulher pela qual buscara tantas glórias e diz-lhe baixinho, pondo de parte a etiqueta da época:

—Maria, chame-me?

Ela volta para ele os seus olhos rasos de lágrimas. Quasi já o não vê. Em redor, tudo lhe parece ir escurecendo. Entreabre os lábios e com dificuldade tenta pronunciar uma palavra, a sua última palavra:

—Ale...xandre!...

E a linda cabeça descai-lhe e a vida extingue-se-lhe no último esforço que fizera para falar.

Lá fora, continua linda aquela tarde de 25 de Abril de 1828. Mas para lá da janela há dias fechada, um homem ainda novo soluça perdidamente junto dum corpo de mulher. O corpo ainda belo de Maria Marcoz—marquesa de Senonnes!...

MARIALIA



**Casa
DURAL**

R. DO BRASIL, 7ª A 7ª • TEL. 62301 • LISBOA

AS SENHORAS DISTINTAS
ENCONTRAM NESTE MO-
DERNO ESTABELECIMENTO
O MAIS VARIADO SORTIDO EM

LÃS * SEDAS * NOVIDADES

A última velada de box

(Continuação da pág. 10)

quantas vezes o pretendente ao título se desuniu na guarda da cara, sem que Guedes aproveitasse a oportunidade!... Especialmente no "11.º rounds" que lhe pertenceu na saída de um corpo-a-corpo. Matos ao tentar um "supercut", em vão, abriu por completo a guarda da cara, marcando como que um compasso de espera, sentido talvez com um golpe ao estômago; Agostinho Guedes ficou em expectativa e o ensejo fez-se!

Fernando Matos — quem o não terá notado? — não se apresentou com a preparação requerida para um campeonato nacional. A sua próxima partida para Lourenço Marques deve preocupá-lo muitíssimo mais... Agüentou-se bem, porque Agostinho Guedes esteve muito longe do que na verdade vale. O título continua a pertencer-lhe e sem motivo para má-gua!

No último assalto, os dois adversários, «socaram-se» valentemente,

gastando energia, que daí a três minutos já não era precisa... Uma maneira de iludir como outra qualquer...

Terminamos como começámos: o «box» vai por mau caminho. Não há orientadores, não há dirigentes, não há árbitros e não há pugilistas, duma maneira geral, que mereçam esse nome. Só o que há, isso sim, é uma afluente crise de convicção e consciência!

...Até quando?...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



OBRAS DE BALZAC

O MAIS EXTRAORDINÁRIO E CATEGORIZADO ROMANCISTA FRANCÊS

ACABA DE SAIR

UM CONCHEGO DE SOLTEIRÃO

TRADUÇÃO DE BELDEMONIO, 1 GROSSO VOLUME 15\$00

PUBLICADAS DO AUTOR

Ilusões perdidas, 2 grossos volumes.....	25\$00
Explendores e misérias das cortesãs, 1 grosso volume.....	15\$00
A última encarnação de Vautrin.....	8\$00
O primo Pons, 1 grosso volume.....	15\$00
Eugénia Grandet.....	10\$00

EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos aos editores

LIVRARIA GUIMARÃES & G.ª

RUA DA MISERICÓRDIA, 68 — LISBOA



A esposa do Chefe do Estado inaugurou, há dias, uma curiosa exposição de vestidos confeccionados pelas alunas de Madame Justo. No final da visita foi oferecido aos convidados, entre os quais se viam muitos jornalistas, um fino «porto de honras», tendo todos os visitantes elogiado o bom gosto e o excelente aproveitamento das alunas daquele modelar estabelecimento.

A HORA DE TODOS

(Continuação da pág. 12)

cer desligado do presente, mas também a primeira campanha da Etiópia, a que levou à perda da independência, precedeu de alguns anos a série de campanhas iniciada em 1939. Hailé Salassié foi, de facto, o primeiro a sair e foi o primeiro a voltar. Agora, assiste-se ao regresso dos governos europeus exilados — França, Bélgica, Holanda — ao mesmo tempo que se travam combates cujo desfecho tem dado desde já a reconquista de fragmentos territoriais da Hungria, da Checoslováquia e, finalmente, da Noruega. O reconhecimento, pelo grupo das Nações Unidas, do governo de De Gaulle, com a consequente troca de embaixadores, e a notícia do restabelecimento de relações normais com a Itália são, certamente, pormenores do mesmo quadro geral de iniciativas tendentes a estabelecer uma certa atmosfera diplomática.

O valor, sentido e intuitos dessa preocupação constituem, naturalmente, segredo de quem a manifesta, afinal de contas o próprio se-

grêdo de condução da guerra. Mas não será aventuroso em demasia supor duas ordens de factos, de cuja simultânea presença se deduzirá uma razão: a consciência de que não poderá a guerra decidir-se desde já neste inverno, e a magnitude dos problemas que estão a agitar-se no interior dos países libertados. Saído de um longo período de quatro anos de ocupação estrangeira, mantida «manu militari», estes países respiraram profundamente o momento inesquecível em que foram restituídos à liberdade, mas perguntam agora que não de fazer dela. A guerra continua. As devastações são enormes, os transportes são difíceis e onerosos — primeiro as tropas em campanha — e as populações sentem-se perante a realidade de seu sofrimento que continua. Este problema local amplia-se, multiplica-se, generaliza-se. Os países «leaders» pressentem-no, sentem-no e temem-no. É preciso procurar solução, que só pode provir do restabelecimento da cooperação internacional. Para problemas graves e difíceis procura-se solução difícil. As dificuldades são sempre divérsas...

J. R. S.

Os 40 pontos da entrevista atlântica com PIERO

(Continuação da pág. 17)

«girls». O ideal, evidentemente, seria obter as duas condições. Mas não temos escolas onde requisitar raparigas. Vem para aqui sem saber nada de nada e, quando sabem alguma coisa, tem passado o melhor da sua mocidade...

— Causas?
— Até há pouco, a corista não era profissional e o teatro não tinha nem carreira de acesso nem estabilidade...

— Gostaria de trabalhar de novo em Itália?

— Não quero deixar de trabalhar em Portugal, onde tenho minha mãe.

— Não quis naturalizar-se português?

— Sou italiano!

— Que pensa da sua pátria?

— Que vive horas de profundo sofrimento. Sofro com os meus irmãos de solo e de sangue, mas creio no futuro da Itália, que está na sua cultura...

— Uma pergunta mais «animada»:

— Come muito?

— Uma só vez por dia, mas pagatruellamente...

— Só lhe interessa a revista?

— Por enquanto.

— Mas se amanhã se interessasse?

— Vigiará a unidade do espectáculo, uma função que não existe entre nós e que tem sido defendida na *Vida Mundial Ilustrada*. Olhos nos cenários, nas stallettes, na marcação...

— Temos bons ensatadores?

— Poucos. Mas Ribeirinho, dos novos, val à frente dos de maiores possibilidades...

— Qual a maior emoção da sua vida?

— Não sou um emotivo...

— Qual o seu maior êxito teatral?

— Não sou crítico...

— Qual a sua maior ambição?

— Neste momento?...

Piero olha o relógio: nove horas!

O jornalista acode:

— Já sei, como só uma vez por dia e pantagruêlamente...

E Piero, esse jovem de 40 anos que engordou 20 quilos em 180 meses — vai jantar!

FIXINA
O fixador de cabelo das pessoas distintas

A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

1944. *Botão maior, 15\$00*
Botão menor, 10\$00

Vende-se nas boas drograrias, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Ildefonso, 29, Pórtó — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt. — Telef. 4 3582

Os 40 pontos da entrevista atlântica com PIERO



De bailarino acrobático a realizador de revistas — Conheceu o público do Europa inteiro e creó no teatro em Portugal — O juízo do crítico é o nível do espectáculo — O destino da Itália e a graça portuguesa.

CERTO dia, à saída do túnel, o «sud-express» vomitou mais forte uma bafarada de fumo e, de dentro, saltaram algumas dúzias de maíãs e calottes. Perenciam à anfiteatro, à lés e ao Piero, tres bailarinos acrobáticos italianos, contratados pela empresa António de Macedo, para trabalhar 15 dias, como atracção, numa revista do Parque. Mafalda e Inês retiraram-se da cena porque casaram. Piero ficou, préso da gentileza portuguesa.

— Tinha vinte quilos e quinze anos a menos — diz-nos Piero, olhinhos movediços nas órbitas redondas.

— Por que ficou? — começaram por lhe perguntar, nesta entrevista com quarenta pontos a resolver...

— Não sei, creio que por isso mesmo: préso da gentileza dos portugueses. Ninguém como eles para acarinharem e encorajar um estrangeiro. Repare, ao contrário de outros países, onde não podem actuar mais de 30 por cento de elementos estrangeiros por espectáculo, Portugal re-

cebe todos sem distinção nem restrições...

A conversa cria embalagem. Nada de palavras supérfluas. Vai começar o tiroteio:

— Em que países trabalhou?

— Em toda a Europa. Quando vim a Portugal, acabou um contrato em Madrid e, daí a 15 dias, devia apresentar-me em Copenhague. Vim para aproveitar esses 15 dias livres e, confesso, o entusiasmo não era por aí além. Portugal, nos confins da Europa, longe dos mercados habituais dos artistas, não seduz a ninguém.

— Como se fez realizador de espectáculos?

— Pouco a pouco. Trabalhei ainda como bailarino durante três anos e depois comecei a fazer marcações...

— ...para acabar como realizador-empresário?

— Exactamente!

— Quais são as funções do realizador?

— Pensar, coordenar e realizar todo o espectáculo, desde a aprova-

ção dos figurinos cenários e música, à escolha dos técnicos e marcação de bailarinos. Tudo, enfim, menos o ensaio do poema.

— Nunca mais safu de Portugal?

— Fiz uma viagem de recreio e duas «tournées»: à África e ao Brasil com a Hortense Luz e a Maria das Neves.

— Quantas horas trabalha?

— As oito do horário e mais de zassels em que penso, discuto e sonho com o teatro...

— Qual a sua maior distração?

— Primeiro, o trabalho bulçoso. Depois a solidão calma. Lelo muito: romances, peças de teatro, a lista dos telefones...

— Que pensa do espectáculo de revista entre nós?

— Que melhora cada vez mais.

— Por quê?

— Não sei. Talvez porque a crítica o tem exigido, talvez porque nós sentimos necessidade de um banho de higiene, talvez porque o público se cansou do que tem visto...

— E em que sentido evoluciona a revista?

— No sentido de criar mais unidade e de se emancipar de certas fórmulas populares...

— O que entende por um bom espectáculo?

— O das mútuas concessões. O público deve permitir-nos certos requisitos de arte e de espiritualidade; nós devemos facilitar-lhes certos «spratos fortes» embora dentro de uma amplitude cultural...

— Que género de revistas prefere?

— A de grandes montagens, como no Coliseu. Mas adapto-me aos palcos do Parque e do Apolo.

— E que pensa dos espectáculos ligeiros lá de fora?

— Os franceses muito espampantes mas não os de melhor gosto; os ingleses os mais delicados, bem pensados e bem realizados nos mínimos pormenores, mesmo que seja num teatro de arredores.

— E o público dos vários países?

— O melhor é o inglês e o alemão. Vai para o teatro para se distrair, é ingénuo e infantil. O português é difícil. Carrega com todos os problemas caseiros para o teatro. O alemão compra os bilhetes com oito dias de antecedência e, no dia marcado, pede para sair mais cedo do emprego. Janta pouco, veste-se com apurmo e

dispõe-se ao prazer do teatro. O inglês é o mesmo e nem prescinde do «smoking». O português sai com a família depois de jantar bem e, depois de estar na rua pergunta: «Ora, onde vamos esta noite?». E resolve ir ao teatro — para ver como aquilo é!.

(Uma interfeência para pedir ao leitor que sonhe a seu modo o pitoresco com que Piero faz estes comentários).

— E depois?

— Senta-se de sobrolho carregado, para julgar «aquilo». E só se ri quando conclue que os autores tiveram, pelo menos, tanta graça como é próprio, porque cada português é, de facto, um grande «blagueur».

— E a crítica?

— Exigente. Senta-se solene, como se tivesse esquecido de que está em presença de um espectáculo... *ligeiro!* Note, falo sem razão de queixa. Não há quem tenha recebido mais elogios e encorajamentos da crítica. Sou o seu menino-bonito.

— A crítica faz opinião?

— Principalmente quando diz mal. Mas a crítica portuguesa é a mais honesta que conheço, a mais isenta de especialismos.

— Como gosta de trabalhar?

— A andar. A revista é essencialmente movimento. Mesmo quando «penso» um espectáculo é a andar. As tantas da madrugada, eu e o Pinto de Campos, excelente colaborador, meu e do Macedo, somos duas almas penadas, rua abaixo, rua acima...

— Que rua?

— A do Ouro.

— E a colaboração literária?

— Admiro os autores. Não sei onde vão buscar tanta graça!

— Que graça prefere?

— A que não toca no obscuro. Luto contra ela.

— Passou o licenciamento de Gil Vicente e dois bonecos de Bordoal Pinheiro?

— Evidentemente.

— E as coristas, as suas «girls»?

— Raparigas cheias de boa-vontade. Algumas trabalham comigo há dez anos.

— Oh! diabo!

— O público português aprecia mais a arte do que a mocidade das

(Continua na pág. 16)

As três pancadas

Houve quem achasse mal que não se escolhesse peça portuguesa para abertura solene da casa de Garrett, lamentando que se tivesse optado por peça estrangeira, ainda por cima em reposição. O reparo é talvez mais impertinente que fundamentado. A obra reposta cabe a categoria de obra-prima na literatura mundial — e é sempre bom que se aproveitem as oportunidades. Já que as peças de Júlio Dantas — o eminente presidente da Academia — estão mais ou menos no «index», uma tradução sua de uma peça de Oscar Wilde dá-nos a dupla oportunidade de uma boa obra inglesa passada para português de qualidade.

* «O leque de lady Windermere» — o título com que a peça circulou, entre nós, há um quarto de século, falava-nos de «lady Margarida» — deu pretexto para uma solene e rica apresentação do espectáculo — tanto no que diz respeito a cenários como a guarda-roupa. As cenas su quasi sempre de excelente recorte — e só não o sou sempre porque o acto da recepção pareceu aos olhos de muitos excessivamente frívolo. Um salão de «lords», em Londres, no começo de século, dificilmente poderia suportar tal exuberância e garrismo de cores, que mais pareciam dar-nos o ambiente para uma festa de caridade no «Mazam» a favor das crianças vítimas da guerra...

* No desfile de figurinos houve coisas lindas. Amélia Key Colaço deslumbrou os mais entendidos: estupefaciente! Palmira vestiu uma «toilette» que os cronistas dizem ter sido da rainha Senhora Dona Maria Pia — que Deus haja! Outro admirável modelo: Eunice Colbert. O terceiro

acto — onde decorre um dos mais preciosos fragmentos literários da peça — é um primor de arranjo. Composição de cenas e arranjos de figurinos de Lucien Donat... Amélia Key Colaço.

* A interpretação carecia, talvez, de um ritmo mais intenso, menos dispersivo. Deve dizer-se que foi superior na parte do elenco feminino. Madalena Sotto deu um grande salto — e não caiu. Que os dons ventos a levem, mas que não enchem! Os «lords» todos é que revelaram um poder de convicção um pouco abaixo dessa medida. Houve pormenores excelentes de trabalho, em todo o caso. Por exemplo: a composição de Gamboa. Mas a máscara à Wilde terá contribuído alguma coisa para a força necessária de convicção, de persuasão, de comunicação entre o clima da peça e o público?

* Alves da Cunha — o maior de todos — apareceu no programa para a segunda saída. Vamos vê-lo no «Óhelo», com Madalena à lharça na pele de «Desdémona». Depois de Wilde, Shakespeare. Os ingleses, pelos vistos, começaram a ofensiva na frente teatral. Quem se atreve a contemplar-nos com Bernard Shaw?

E S P E C T A D O R

Grupo dos Amigos do Teatro

No próximo número referir-nos-emos detidamente ao Grupo dos Amigos do Teatro, uma magnífica ideia que obteve da parte do público um magnífico acolhimento.

A crítica das críticas e o decálogo dos críticos

A crítica teatral, salvo duas ou três honrosas excepções, exerce-se sem independência, umas vezes porque os críticos estão ligados a interesses das empresas, outras vezes porque os próprios jornais estão ligados aos artistas, aos autores ou aos empresários teatrais. Causa-se, assim, por vezes, numa falta de isenção que só prejudica o teatro e quem para ela está a trabalhar na intenção corajosa de o prestigiar. Não é preciso exaltar o papel da crítica. Todos sabem que o controle da actividade teatral deve ter uma importância decisiva — mas, para isso, é preciso que seja exercida com espírito de isenção e não, como entre nós, onde, quasi sempre, uma crítica é apenas uma crónica ou reportagem — quantas vezes humorística — onde se não apontam virtudes, nem defeitos.

Será por que esses críticos são comodistas e não querem criar atritos? Será por que lhes falta senso crítico ou cultura teatral?

Nesse caso, só tem um caminho: negar-se a fazer crítica, quando o chefe de redacção lhes designar o papel de crítico. A disciplina, dentro de uma redacção, não obriga a tanto, e o mínimo ou máximo de cultura geral jornalística não obriga, por sua vez, a possuir conhecimentos especializados de Teatro, para ter que fazer crítica.

A nossa Revista, de um modo documentado e objectivo, vai mostrar, em breve, como se faz a crítica, o espírito leve com que se subscrevem opiniões destinadas a dar emenda a erros ou a estimular virtudes.

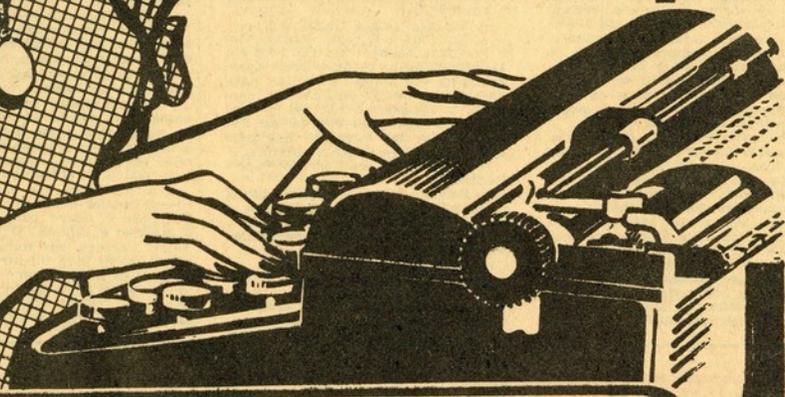
Por hoje, queremos apenas publicar dez conselhos para os críticos, e esperamos que lhes façam muito bom proveito...

DECALOGO DOS CRITICOS

- 1 — Nunca jantes demasiado antes de ir para o teatro.
- 2 — Não te sirvas de bilhetes cedidos por favor da empresa.
- 3 — Senta-te na tua cadeira e esquece-te de que existe a tua pessoa.
- 4 — Não te lembres de que os artistas ou os autores que estão a ser representados são homens e mulheres que estimas ou odeias na vida quotidiana.
- 5 — Se austero e justo como Catoão mas como éte não deixes de apontar os erros e as virtudes.
- 6 — Não rês, nos intervalos, para os corredores comentar o espectáculo; ouve os outros e guarda a tua opinião.
- 7 — Nunca ofusques o trabalho dos novos, para adular um consagrado.
- 8 — Respeita o trabalho alheio, mas respeita ainda mais o teu.
- 9 — Nunca deixes sobrepor ao teu juízo crítico os interesses das empresas mas, do mesmo modo, nunca deixes os teus interesses particulares sobreporem-se ao teu conceito crítico.
- 10 — Se a tua liberdade critica se opuser o interesse de terceiros, não o andes a dizer pelos equívocos, calote, não abrigues do direito de ser honesto e decente de ser crítico.



DE NOVO AO SERVIÇO



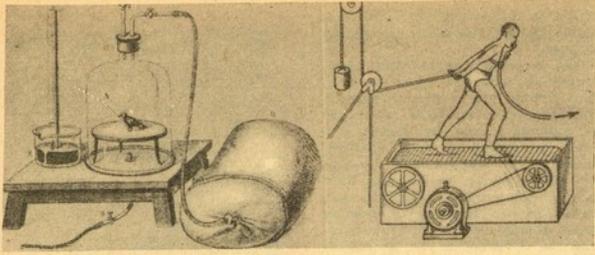
É a altura de V. fazer como milhares de outras senhoras donas de casa que voltaram a utilizar os Fogareiros Vacuum, por começar a haver maior abundância de petróleo.

Ponha de novo ao serviço o seu fogareiro Vacuum, que faz a cozinha num rufo, sem maçadas e com asseio — o

insubstituível fogareiro que tanta utilidade tem em qualquer casa, quer como único meio de cozinhar, quer como complemento de outros processos mais morosos.

É, portanto, o momento de voltar a utilizá-lo, tanto mais que o preço do petróleo baixou bastante.

SOCONY-VACUUM



O OXIGÉNIO E O HOMEM

SÓ desde há 170 anos se sabe que, quando os seres respiram, entra oxigénio e é expellido anidrido carbónico. Um homem adulto consome cerca de 18 litros de oxigénio por hora. As crianças gastam uma quantidade dupla de oxigénio, por cada quilo. O consumo de oxigénio no sexo feminino é de 6' até 11 % inferior ao do sexo masculino. Os diferentes desportos originam grandes quantos de oxigénio. A natação é o

desporto que mais activa todo o organismo; um nadador gasta 14 vezes mais oxigénio que um ciclista. As fotos mostram dois dispositivos para determinar o consumo de oxigénio: à esquerda, um pássaro é pôsto a respirar debaixo duma campânula de vidro; à direita, um homem corre sobre um «tapete rolante» e puxa uma carga. Os estudos sobre o consumo de oxigénio são de grande importância na aviação.

A última descoberta contra os insectos

MUITOS insectos são um flagelo para a espécie humana. Os mosquitos podem transmitir a malária, a febre amarela, a filariose, a doença do sono, etc.; a mosca transmite a tuberculose e outras doenças; as pulgas inoculam ovos de vermes perniciosos, e a peste, se estão infectados. Foram descobertos novos métodos para matar mosquitos. Um dos mais eficientes é o *aerosol*. Esta nova matéria é tão eficaz que cinco miligramas, uma gota muito pequena de forma activa, mata todos os mosquitos num espaço de 1.000 pés cúbicos, no prazo de 1 minuto. Ainda que extremamente mortífero para os mosquitos, não é nocivo aos homens nem aos outros animais. Não é irriamável e não requiere equipamento especial para ser atitudinado no ar.

A descoberta foi realizada em laboratórios dos Estados Unidos. Houve a ideia de difundir insecticida no ar sem ser por meio aquoso. Estas suspensões chamam-se *aerosóis*, porque *aerosol* é o termo científico para fumo ou névoa. O *aerosol* é produzido utilizando a energia acumulada num gás liquefeito.

Por este método, o insecticida dissolvido no gás está encerrado em cilindros semelhantes aos usados para liquefazer gazes. Para produzir o *aerosol* basta abrir uma válvula que permita à solução ser expellida na atmosfera, devido à sua própria pressão, através de pequeno orifício. Uma vez em contacto com o ar, o liquido ferve violentamente e espalha o insecticida como uma névoa fluente. Esta névoa agita-se no ar à procura dos mortíferos mosquitos, ainda que estes estejam occultos em algum canto.

A combinação de que resulta o *aerosol* é constituída por piretro e óleo de gergelim, dissolvidos em dicloro-difluorometano. Meio quilo de *aerosol*, em solução, é mais eficaz que dois galões de outros insecticidas comuns.

Histórias sobre a hulha

AS primeiras minas de carvão do continente europeu foram as chamadas Kolkulen, exploradas já em 1113 pelos monges agostinhos de Klosterrath. Em 1198, um ferreiro das proximidades de Liège realizou alguns ensaios com o carvão de pedra e foi um dos primeiros proprietários de minas da Europa. A exploração da hulha no Ruhr começou no século XIV.

Na Inglaterra, a exploração começou no século XIII. Entre os claustros e as cidades produziam-se frequentes conflitos por causa do direito de exploração. Uma vez os habitantes de Newcastle tiveram de comparecer ante o tribunal acusados de se apropriarem, pela violência, dumas barcas carregadas de carvão pertencentes ao convento de Tynemouth. Porém, o mais grave do caso era que, ao realizarem os seus actos de rapina, escarneceram e insultaram os monges, chamando-lhes *satélites de Satan*.

De facto, à hulha foram dados atributos infernais, sobretudo por causa do enxofre nela contido. Em 1306, Eduardo I, cedendo a uma petição especial do Parlamento, proibiu alimentar os fornos de Londres com carvão, considerando-o um grave perigo para a saúde pública.

Em França, Henrique II proibiu, nos princípios do século XVI, o emprego do carvão de pedra para a fundição de ferro. Os professores da Sorbonne rivalizavam em arremetidas contra a hulha, o venenoso combustível, ajudados pelas damas parisienses.

Durante muito tempo a hulha foi considerada um «mineral sem grande valor». Mas, aos poucos, foram-se descobrindo as suas muitas aplicações: calcinando-a, produz-se o coque; destilando-a, produz-se gás que só encontrou emprego no fim do século XVIII, nas lâmpadas de gás.

PREGUNTE!

Esta nova secção continua aberta, pronta a dar respostas a todas as perguntas que lhe sejam dirigidas, desde que as mesmas sejam de carácter científico e de interesse cultural.

Muitos leitores ficam sem resposta, porque a sua consulta salta fora do âmbito desta secção. Repetimos: apenas serão atendidas perguntas sobre questões científicas e de interesse cultural.

Escreva para «Vida Mundial Ilustrada», página de Ciência Elementar, Rua da Emenda, 69, 2.ª, Lisboa.

COMO É O CENTRO DA TERRA?

Henrique Silva (Leiria) — Até vinte ou trinta metros de profundidade, a temperatura da terra é constante durante todo o ano. À medida que se desce, a temperatura vai subindo à razão de 1 grau centígrado por cada 34,5 metros. No fundo de um poço das minas de Claarburg (Estados Unidos), cuja profundidade é de 2.252 metros, o calor atinge 78

graus; nestas profundidades a temperatura sobe 1 grau por cada 28 metros.

Portanto, a temperatura da terra, à excepção da superfície, provém de um fogo interno. E como as matérias lançadas pelos vulcões, depois de haverem sofrido um resfriamento durante o seu trajecto e em contacto com o interior, ultrapassam os 1.000 graus, tem de se concluir que o calor da terra encontra-se em estado *lquico*, em fogo, mas não se sabe bem qual a consistência desse estado; os cientistas desconhecem como se comporta a matéria a temperatura de milhares de graus e suportando pressões incalculáveis. Supõe-se, contudo, que o interior do globo esteja num estado meio sólido, meio liquido, constituído pelos metais fundidos.

As conclusões a respeito do interior do planeta Terra baseiam-se nas analogias com os astros do firmamento. As estrelas e o próprio sol apresentam um estado gaseoso; Júpiter e Saturno apresentam uma consistência semi-fluida.

CIÊNCIA ELEMENTAR

Batalhas dentro do sangue

UMA das principais maneiras de combater os germes patogénicos, nos casos individuais, é auxiliar e intensificar as defesas naturais do organismo. Quando qualquer bactéria penetra no nosso corpo — através de um ferimento da pele, por exemplo — os fócitos, que são os glóbulos brancos do sangue encarregados de limpar o organismo, precipitam-se imediatamente para o local da infecção, tentando cercar e devorar as bactérias.

Mas além desta batalha física entre os germes invasores e as células de defesa do organismo, há outra guerra ainda mais subtil entre os produtos químicos. Esta batalha tem lugar na corrente circulatória — o que é de grande importância sob o ponto de vista médico.

Um dos mais notáveis meios de defesa do corpo é a capacidade de reagir quimicamente às substâncias estranhas introduzidas no sangue. No que diz respeito às bactérias, o corpo fabrica *anti-toxinas*, neutralizadoras das *toxinas* ou venenos produzidos pelas bactérias, destruindo-lhes a nocividade. Por exemplo: o organismo combate os efeitos químicos do bacilo da difteria pela produção de *anti-toxinas* correspondentes. Estas *anti-toxinas* são específicas; a da difteria não serve contra a toxina do tétano.

O corpo não reage apenas deste modo às *toxinas*. Aparentemente, os materiais de que é feita a membrana superficial das bactérias, podem, em muitos casos, estimular reacções químicas. E, assim, várias espécies de substâncias são utilizadas no combate às bactérias. Algumas, chamadas *aglutininas*, tornam-se tão pegajosas que aderem umas às outras, ficando completamente tolhidas. Outras, chamadas *lisinas*, destroem-nas e dissolvem-nas. E assim por diante. As substâncias mais fortes são chamadas *opsoninas*, que estimulam a destruição das bactérias pelos fócitos, auxiliando estes últimos no perpétuo policiamento dos vasos sanguíneos, que são as ruas da cidade do corpo humano.

Os invasores encontram, portanto, resistência nos fócitos vivos e nos *anti-corpos*, que é o nome dado ao conjunto de substâncias químicas produzidas pelo organismo reagindo contra os seus inimigos. Há um grupo de tecidos especiais, encontrados no fígado, na medula dos ossos, no baço e noutros lugares, que recebem o nome comum de *sistema reticulo-endotelio*, presumivelmente responsáveis pela formação dos *anti-corpos*.

Em muitos casos, os *anti-corpos* químicos não desaparecem do sangue logo que sara a moléstia. O corpo guarda-os durante algum tempo como armas de defesa. É por esta razão que um doente, após um ataque de bexigas ou de sarampo, fica livre destas doenças durante alguns anos.

O estado refractário do organismo a certos germes, tem o nome de *immunidad*. Quem sofreu de bexigas ou de sarampo fica *immunizado* durante anos, tal como sucede a respeito de muitas outras doenças contagiosas. E se se conseguir inocular a doença num individuo sob uma forma benigna, esse individuo tornar-se-á imune.

Uma aplicação importante dos fenómenos citados está na *vacina* contra a varíola (bexigas). As pessoas são inoculadas com o vírus existente nas pústulas das vacas atacadas de um mal semelhante à varíola. Controla-se, assim, uma doença relativamente inofensiva e não contagiosa que confere a *immunidad*.

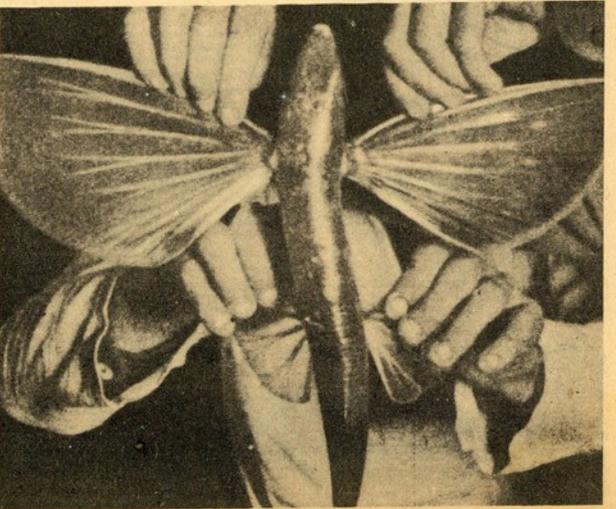
Em muitas doenças não é necessário injectar micróbios mortos podem estimular o corpo a originar os *anti-corpos* precisos. É o caso da *vacina* contra a febre tifóide, que se faz pela injeção de culturas mortas.

Nos casos expostos, o organismo é forçado, pela inoculação de micróbios ou de produtos destes, a fabricar *anti-corpos* contra a invasores. Há, todavia, ocasiões em que é impossível defender o corpo por esse meio, visto não haver tempo suficiente. Por isso, na preparação da *vacina* preventiva contra o tétano, primeiro *immunizam-se* os cavalos contra a toxina tética pela injeção de doses cada vez maiores; depois, extraem-se soro do cavallo, contendo *anti-toxinas* já preparadas. A injeção do soro no homem confere uma *immunidad passiva*. Só há *immunidad activa* quando é o próprio organismo atacado o produtor dos *anti-corpos*.

O PEIXE VOADOR NÃO VOA

UTILIZANDO aparelhagem fotografica ultra-rápida (uma fotografia em cada décima milésima parte do segundo), o Dr. Harold Edgerton concluiu que esses habitantes dos mares tropicais chamados «peixes voadores» não voavam. Os peixes voadores não têm os músculos apropriados para o vôo; as barbatanas, extraordinariamente desenvolvidas,

que lhes permitem planar, tal como um avião sem motor, aproveitando as correntes atmosféricas. Saem da água graças a um forte impulso e animados de razoável velocidade e planam umas cinco ou seis vezes antes de tornarem a mergulhar. No final de cada «planação», ao tocarem na água batem nela com violência e erguem-se de novo.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Noruega

DOS jornais que se publicavam na Noruega à data do início da ocupação, foram inicialmente suspensos cinqüenta, e mais tarde quarenta e seis, o que elevou o número de quotidianos que viram cessar a sua publicação para noventa e seis. O pessoal que se empregava nesses jornais foi, na sua quasi totalidade, afectado por estas disposições. O pessoal redactorial tornou-se objecto de sanções especiais na maioria dos casos. O resto do pessoal ficou desempregado ou teve de se adaptar a novas funções para as quais se não encontrava preparado.

A indústria e o comércio editoriais também sofreram, como a indústria jornalística, sensivelmente, com a ocupação alemã. Um grande número de escritores, de acentuado cunho nacional, deixou de publicar as suas obras. Neste número figurou, desde a primeira hora, o nome de Sigrid Undset, que constitue uma das mais legítimas glórias da Noruega contemporânea e a quem foi conferido o prémio Nobel de literatura para recompensar a sua obra vasta e universalmente conhecida.

Algumas das mais importantes empresas editoriais norueguesas tiveram de encerrar as suas portas, umas por determinação das autoridades, outras pelas dificuldades criadas ao exercício da sua actividade. Dezenas de livrarias, desde as mais categorizadas às mais insignificantes, seguiram o mesmo caminho perante as exigências crescentes das autoridades de ocupação que exerciam, em relação a elas, uma vigilância activa e persistente.

Assim a divulgação do pensamento nacional na Noruega viu-se largamente cercada. Os meios de comunicação com o exterior foram sendo sucessivamente reduzidos. Os noruegueses só com extrema dificuldade podiam aperceber-se da marcha da guerra e avaliar da própria situação que lhes havia sido criada em consequência da ocupação.

Os receptores de T. S. F. foram requisitados e as audições daqueles que, por qualquer circunstância, não tinham sido entregues às autoridades, passaram a constituir um delito a que correspondiam sanções pesadas. Não eram muitos os que se arriscavam a enfrentá-las.

O PACIFISMO DOS NORUEGUESES

Estas medidas excepcionais, que as autoridades do Reich justificavam com as necessidades da guerra, a qual entretanto prosseguia obrigando a sacrifícios cada vez maiores, provocavam no povo norueguês, cioso das suas liberdades e estruturalmente pacífico, reacções diversas que iam desde a resignação à cólera. Mas

ainda devia demorar bastante tempo antes que essas reacções deixassem de ter uma forma dispersa para se concentrarem num movimento de resistência nacional que, uma vez desencadeado, tomaria proporções de uma violência certamente imprevisível mesmo para aqueles que supunham conhecer a verdadeira índole daquele povo.

Para os noruegueses, o respeito pela vida humana e pela liberdade individual é, com o respeito pela propriedade privada, a característica fundamental da população. O seu fundo religioso empresta-lhe, em todos os seus actos, uma filosofia prática e humana e dá a todos os actos colectivos do povo norueguês um carácter profundamente compreensivo e humano. Compreende-se facilmente que estas características fundamentais se sentissem chocadas por uma filosofia que assentava essencialmente num fundo racial.

Por outro lado, os noruegueses não conheciam a guerra, com todos os seus horrores, há mais de cento e vinte e cinco annos. Quando, em 1905, elles resolveram separar-se dos suecos fizeram-no em termos tais que o mundo ficou admirado com o grau de civismo que os dois povos nórdicos haviam atingido. Sobretudo, quando se comparava a sua attitude com a agitação permanente em que viviam os povos das outras regiões da Europa, especialmente os do sueste europeu, o contraste era efectivamente impressionante.

Estas características avultaram ainda mais quando as autoridades de ocupação, a partir de Fevereiro de 1942, pretenderam iniciar um novo período de construção política sob a égide da Nova Ordem europeia, fórmula que então começava a produzir os seus frutos em outros países do continente cujas reacções, no entanto, eram bastante diferentes daquelas que se registavam na Noruega.

A RESISTÊNCIA DAS ESCOLAS E DA IGREJA

Pelo seu feito e pela sua tradição, a reacção do povo norueguês havia necessariamente de se revestir de formas especiais e superiores correspondentes ao seu grau de cultura e ao seu civismo. Assim, embora nos primeiros meses de ocupação se tivessem procurado várias fórmulas de conciliação que permitissem à nação viver e à administração exercer-se até que desaparecessem as exigências da guerra invocadas pelo Reich, pode dizer-se que, até Fevereiro de 1942, a Noruega aguardou que se difinissem claramente as intenções da potência occupante, ressaltando todos os direitos históricos mas não enveredando pelo caminho da violência que caracterizou as reac-

ções nacionais em vários outros países da Europa sujeitos a um regime idêntico.

Mas, a partir daquela data, desenharam-se, com um vigor enorme, duas crises que nenhuma medida restritiva ou compulsiva era capaz de atenuar: a crise das escolas e a crise da igreja. Foram, efectivamente, os professores e os sacerdotes que tomaram a direcção dum movimento espiritual intenso a que as autoridades de ocupação nada de eficaz podiam oppôr, pois era em relação às consciências que se faziam sentir os seus efeitos cada vez mais extensos e profundos.

Já anteriormente os professores da Noruega haviam demonstrado o vigor do seu sentimento nacional, quando da aplicação das primeiras medidas de depuração adoptadas pelo Departamento de Instrução por ordem do Comissário Geral, Terboven. Os professores noruegueses receberam, nessa altura, uma circular em que eram convidados a aderir à nova concepção de ordem política e social expressa pelo partido Quisling. Noventa por cento dos consultados havia respondido com uma negativa formal. Mas as autoridades, ao considerarem toda a gravidade do caso, haviam deixado ficar as coisas como estavam, não desejando agravar um conflito cujas consequências previam que seriam de uma extrema gravidade para a sua situação e para o futuro da tarefa que estavam encarregadas de levar a bom termo na Noruega.

O FUTURO DA MOCIDADE NORUEGUESA

O conflito provocou, nessa altura, a demissão de algumas dezenas de professores que se haviam distinguido pela sua attitude e o encerramento de algumas dezenas de escolas, especialmente escolas secundárias e Faculdades. Mas, duma forma geral, as coisas haviam continuado como estavam, até Fevereiro de 1942.

Neste mês, foi publicado um decreto que obrigava todas as crianças que frequentavam as escolas da Noruega, entre os 10 e os 18 annos, a fazerem parte duma organização do partido Quisling, a «Ungdomsytling». Esta organização exaltava, não os fundamentos da sociedade norueguesa e os valores tipicamente nacionais, mas a superioridade racial como base da formação da juventude.

Por seu lado, os professores receberam uma comunicação de que, sem qualquer distincção ou excepção, haviam sido também obrigatoriamente fillados numa outra organização do mesmo partido, o «Laerensamband», de características idênticas à anterior. Isto implicava, para todos elles, a obrigação de defenderem e trabalharem a favor da Nova Ordem europeia cuja applicação à pátria norueguesa o partido preconizava.

Os professores da Noruega, de todos os ramos e graus de ensino, em número de doze mil, enviaram ao Departamento de Instrução Pública, cartas de texto idêntico protestando, com veemência, contra estas medidas e afirmando o seu propósito de as não acatarem. Acrescentavam, nessas comunicações, que nenhum deles se considerava sócio da organização Quisling em que os haviam compulsivamente fillado.

Em resposta a esta attitude, o Departamento de Instrução adoptou as mais enérgicas providências. Os professores foram demittidos das suas funções, o que causou ao ensino um transtorno que facilmente se calcula. Convidados a reconsiderar, recusaram-se unânimemente a fazê-lo, e essa decisão foi tomada como um acto de rebeldia punível com providências mais severas. Efectivamente, pouco depois alguns professores foram enviados para fora do território da sua pátria e sujeitos a um regime especial.

(Continua)



O povo norueguês sempre encontrou no mar um derivativo da sua própria existência. É marítimo, comerciante e industrial com os olhos postos no mar. Esse povo, porém, com a guerra, emigrou em parte, do Mar do Norte para as costas inglesas.



Mesmo depois da occupação da Noruega, a sua marinha mercante continuou a ter papel destacado ao serviço da causa aliada. Na foto, vemos o desembarque de material circulante, destinado à Inglaterra e vindo dos U. S. A.



Os salva-vidas noruegueses — barcos de borracha flutuantes — são dos melhores apetrechamentos da marinha de guerra e mercante da Noruega.



As esquadilhas norueguesas têm estado sempre activas e muitas vezes os seus pilotos, como este que se vê na foto, membro das Forças Aéreas, tomaram parte nos ataques à França, Bélgica e Holanda.



A primeira esquadilha norueguesa iniciou a sua acção logo em 1940, tomando parte, num ano, na vigilância de 400 comboios, contra a acção dos submarinos inimigos.



Dois poetas e dois livros

“ROSARIKA E OUTROS AMORES”

por Jorge de Miramar

UMA interrogação paira da primeira à última página deste livro: quem é Jorge de Miramar, o autor que confessa usar um pseudónimo e nos envia de Singapur uma tão quente mensagem de paixão e de ternura? Quem é este poeta do exílio voluntário que mantém a linha ancestral do estro lusitano, no mais puro da forma e no mais jovem do sentimento? Quem é este jovem — jovem, com certeza, no estuário das paixões e na revolução das idéias — que nos envia do Oriente uma tão graciosa e lusiada poeta?

Lirismo, sentimento, vida e uma excelsa ascensão espiritual — eis o que nos dizem os versos modernos pela forma, clássicos pela eufonia, deste poeta que deve colocar-se ao lado, inseparavelmente unido, dos

mais representativos poetas do nosso tempo.

Chama-se «Rosarika e outros amores» esta colectânea de poemas maravilhosos, bocadinhos de carne arrancados à vida sentimental de um poeta de fina espiritualidade e absoluto domínio de forma. Sangue que corre e abraça um mundo de paixão ardente — eis o que é este livro editado pela «Seara Nova», com um cuidado de arranjo delicado, como o pedía o perfume que as suas páginas contêm.

Não há nele um verso que não seja vivído, uma lembrança que não esteja ligada a uma mulher, um sentimento que não fale de amor.

Os que lêem, os que ainda nesta terra de poetas desconhecem um verdadeiro poeta — devem ler este livro que é dos mais belos e sentidos ultimamente publicados.

“DIA LONGO”

de Ribeiro Couto



a vida das vidas que palpitam nestas páginas.

Tanto verso lindo, tanta coisa maravilhosa que não apaga a presença do cérebro mas o impõe para que julgue uma obra que não é só emocional mas puramente humana, fazem da poesia de Ribeiro Couto da mais representativa da língua portuguesa contemporânea. De facto, Ribeiro Couto detém o segredo de nos revelar subtilmente as coisas simples e mesquinhas numa transfiguração poética, literária e intelectual portanto, que é o seu fundamental e grande triunfo de poeta sobre o mundo material que o oprime.

Depois, a poesia de Ribeiro Couto não é nem hermética nem egocêntrica. Comunica-se, dialoga, movimentase, dir-se-ia que é a própria vida e o jogo de sentimentos em acção:

Vai... Há uma porta entreaberta...
Entra... E alguém: «Com chuva assim?...»
E ela o beija... E ela que o aperta...
«Perdoa, vim...»

Será ilógico acreditar no grande êxito que val constituir este novo livro de Ribeiro Couto — poesias escolhidas — um «Dia Longo» de cerca de 400 páginas que representam algumas escassas horas de evocação para o leitor, embora represente uma vida poética longamente vivida?

FALA-SE ESTA SEMANA

MIGUEL TORGA



Coimbra Editora manda-nos u m a nova produção de Miguel Torga — dúzia e meia de contos — «Novos contos da Montanha» que são uma extraordinária afirmação do sentido poético e humano do seu autor. Em cada dez ou dōze páginas, Miguel Torga, o mais belo estilista do nosso tempo, servido por uma cultura invulgar, dá-nos magníficos e vigorosos quadros da vida simples dos homens da montanha, num enquadramento sólido e imponderável da arte de fazer contos. Por tudo isto, o seu novo livro vai, com certeza, obter extraordinário êxito.

BESSONE BELFORD



Eis um novo que rapidamente v e m impondo o seu nome, entre os escritores da nova geração. Bessone Belford, com o segundo romance que acaba de publicar, «Deixem-me viver!», numa edição da Vida Mundial Editora e que é mais um brilhante diploma do talento do seu autor. A um estilo singelo e comunicativo, Bessone Belford alia um valioso espírito de análise e dons de imaginação — três qualidades fundamentais na estrutura de um verdadeiro romancista, como Bessone Belford.

LITERATURA

Salomão e o plágio através dos tempos...

DIZ Salomão, no «Ecclesiastês», que não há nada de novo no mundo — nil novi sub sole — e talvez até estas «suas» afirmação não fosse nova, e outros, antes d'ele, a tivessem dito.

Orá, não fazendo nada de novo sobre a face da terra, não é muito de admirar que os homens que escreverem, por muito eminentes que sejam, se vão copiando uns aos outros, na forma, nos factos e nas idéias. A essa copia chama-se «plágio», ou «plagiato», e se Virgílio foi acusado de plagiar Homero, as «Armas e os Versões Assinaladas» do nosso Camões não são mais que o «Arma Virumque Cano» de Virgílio. Muitos têm sido os plágios que se apontam e os plagiadores que se incriminam, em todos os tempos e em todas as literaturas. O nosso Eça não se livrou de o apontarem como tal, e corre por aí impresso um opúsculo raro, no qual se põem lado a lado trechos completos da «Catedral» de Huysmann, e da «Catedral» do nosso falecido Manuel Ribeiro, que algumas belas obras nos deixou, e a quem não fez massa a acusação.

O sr. dr. Júlio Dantas é colocado, por muitos, na primeira fila dos plagiadores de alto coturno, e se fôssemos a emulgar o caso, enchemos colunas e páginas com nomes e factos.

Mas não há que estranhar o facto. Lá fora acontece o mesmo, e não precisamos de sair do século XIX, que Deus haja em sua santa guarda... Madame de Staël foi acusada de ter «bebidu» a sua «Corinne» no «Ardinguello», de Altemand Hevise, que, por sua vez, se tinha «inspirado» em «Les amours rivaux», de Bastide.

O romântico Chateaubriand, grande no nome e na fama, plagia Marcassus Saint-Lambert, Marmontel e até o inglês Aphra Behn, que Laplace havia traduzido.

Dumas, Pai, o autor célebre das «Memórias de um médico», foi acusado de tirar o seu «Antoine» a Burat de Gurgy e ao romance d'este «La Prima donna et le garçon boucher». E outros o accusam ainda de vários larápios: a Walter Scott, a Schiller e a Roger de Beauvoir, que do seu «Ecolier de Chony» «deu» a Dumas o «Tour de Nestes». E mais ainda: a Fontan, a Alphonse Brot e a Courtil de Sandraz que lhe «forneceu» matéria avondu para os «Três Mosqueteiros».

E vêm outros ainda — a lista é vastíssima! — e apontam-lhe De Lannes, Imbert de Boudeaux, Ancelot, Lockroy e Madame Choussu-Meuse!

Mas Dumas, Pai, «ficou», e dos outros, tirando Walter Scott, ninguém fala...

George Sand «copiou» Madame de Villegien e Camus, arcebispo de Bellay.

A Eugénio Sue, o do «Judeu Errante», apontam-lhe Ancelot, Madame Mounberv e Michel Masson.

Gustavo Flaubert, não escapa, e atrain-lhe à cabeça com Hatman, que lhe «deu» episódios inteiros da «Salammô». Dumas, Filho, foi à «Beatriz de Arsène Houssaye, buscar a sua «Dama das Camélias», e no «Demi-Monde» «serviu-se» de Paillassat e Paulo de Kock.

E Victorien Sardou tem os seus plágios marcados e documentados em Paul Lacroix, Jules Sandeau, Goslan, Charles Bernard, Didierot, Ancelot, Alfred Assolant, Chénier, Diamantier, Méry, Jules Lacroix, Rossier e Valtaire, este que, por sua vez, é também acusado de plagiar Madame de Tencin!

E o «divino» Hugo? Nem este escapa! Apontam-lhe no «Ray-Bless», a «Angeleite Kauffmann», de Léon de Wally, para os «Burgraves», o «Tribunal Secret», de Léon Thiessé, e o «Deux fous», de Paul Lacroix no «Roi s'amuse»...

Até Jules Janin, o grande pontífice da crítica d'este famigerado século XIX, foi, em público e nuso, acusado de ter plagiado, «descuradamente», Godart d'Arcourt e Cavillier-Fleury.

Clara que há mais, mas estes bastam para demonstrar que o nil novi sub sole, de Salomão, está certíssima, através dos séculos...

JOAO PAULO FREIRE

Intercâmbio luso-alemão

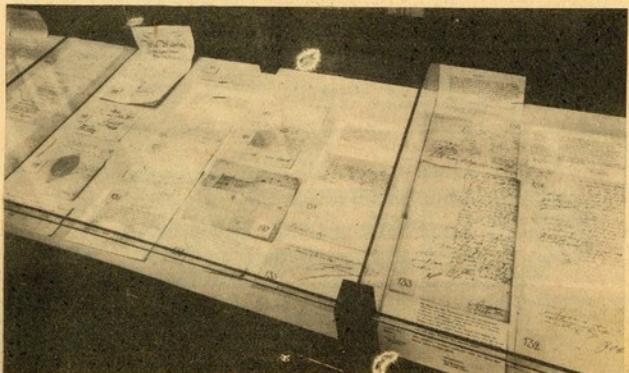
Uma exposição de autógrafos e gravuras

PROMOVIDA pela Academia Alemã de Lisboa, realizou-se há pouco, entre nós, uma curiosa exposição de autógrafos e manuscritos. Certamente, os apaixonados de documentos desta natureza, lá estiveram para ver manuscritos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de Wilhelm König, o tradutor de Camões, um manuscrito de Gonçalves Crespo, dirigido a Hermann, um ilusionista alemão que passou pelo Pôrto. Mas, o grande público teria dado conta desta magnífica colectânea de autógrafos e manuscritos, onde figuravam as letras de Hindenburgo, de Frederico o Grande, e de Guilherme II?

Pois lá estava uma curiosa carta de Schiller, depois da sua fuga do Colégio, lá estavam as sonatas de Mozart, um livro sobre Martin

Behalm, que esteve em Portugal e acompanhou Diogo Cão nas viagens marítimas, vendo-se, ainda, além de um diário de Vasco da Gama, e de uma tradução de Garrett algumas gravuras em madeira, datadas do século XV e XVI. Entre estas, estavam as célebres obras de Albrecht Dürer — as gravuras que representam «Ecce Homo», de que existe uma imitação na igreja de Santa Cruz, de Coimbra — uma pequena maravilha, comparável, em mérito e em tempo, às litografias a cores referentes à Lisboa do século XVII e ao Convento de Mafra.

Todos os documentos expostos constituem propriedade particular e foram gentilmente cedidos à Academia Alemã de Lisboa.





Abandone os processos velhos
Os ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L. DA

executam por processos modernos qualquer trabalho em

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA

BERTRAND (IRMAOS), L. DA

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

UMA GOTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

E UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em tôdas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



A casa ensombrada

(Continuação da pág. 8)

filme evidencia, assim, mais uma vez, a excelência da técnica americana, capaz de defender, só por si, o mais ingrato dos temas. O realizador, por seu turno, soube dosear a comédia com o drama gulnoiesco. Os heróis, longe de se aterrorizarem com os fenómenos do Além, procuram, com desportivo entusiasmo, decifrar o enigma, como se estivessem seguindo o problema proposto no foto-crime de «Vida Mundial Ilustrada».

Esta película de fantasmas, acima de tudo tem o mérito de nos revelar uma deliciosa criaturinha, Gail Russell — a maior realidade no meio de tantas fantasmas... A sua história, no cinema, ficará eternamente ligada àquêle castelo, onde por amor dela os mortos não tinham sossego. E

oxalá, durante a sua carreira, haja também um braço forte a afastar do caminho outros fantasmas que podem arruinar-lhe a existência — os avejões da Mediocridade, da Incompreensão e do Azar, que arrastaram para o abismo outras estrelinhas não menos brilhantes e atraentes.

...
A meu lado, uma rapariga loira, enroscada friorentamente no seu casaco de peles, pareceu-me, durante toda a fita, extremamente enervada. Quando a luz se acendeu, tentei descurtinar o rosto, recortado na obscuridade em linhas suaves e puras. Havia desaparecido já... A cadeira conservava ainda o calor do seu corpo. Em redor, tal como no filme, o doce e tépido eflúvio de «muguet»...

...Hoje pergunto a mim próprio — se não estive, toda a noite, ao lado da mais deliciosa fantasia que jamais meus olhos viram...

F. F.



Preços: 10\$50 e 15\$00



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
19,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
20,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEA	25,3	WGEX	16,8
21,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WLWR	23,1	WGEX	31,4
22,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WLWR	23,1	WGEX	31,4

Meia hora de notícias, comentários e música

23,45 WLWR 23,1 WGEX 31,4

Meia hora de notícias, comentários e música

24,45 WOOC 31,1 WOOW 38,4 WGEX 31,4
21,45 WOOC 31,1 WRUA 39,6 WOOW 38,4

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutado por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20 horas

EMISSIONES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

**MÚSICA CLASSICA
EM DISCOS**

ACABA DE CHEGAR
NOVA REMESSA



Entre outras obras à tempo
esgotadas lembramos:

CONCERTO N.º 1 (Tchaikowsky)
PIANO E ORQUESTRA

CONCERTO N.º 2 (Brahms)
PIANO E ORQUESTRA

SINFONIA INCOMPLETA (Schubert)
ORQ. FILARMONICA DE VIENNA

CASSE-NOISETTE (Tchaikowsky)
ORQ. SINFONICA DE FILADELPHIA

em maravilhosas gravações

«HIS MASTER'S VOICE»



EST. VALENTIM DE CARVALHO • R. NOVA DO ALMADA, 97

EDITORIAL AVIZ

apresenta

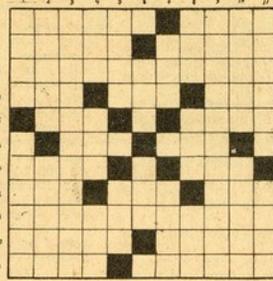


E
Dalcinda—C. Selvaagem... 12\$50
Pepita Ximenes—J. Valera 15\$00
Robert Koch—H. Unger... 15\$00
A Morte de Camões
 —L. Tuck 15\$00
O Vaso de Ouro—Hoffmann 12\$50
RUA DA TRINDADE, 20, 2.º
LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 52

Por Rocanoli
(Nelas)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Terminar; compartimento. 2—Totais; tangem. 3—Empalidecido. 4—Possue (inv.); pronome possessivo; sofrimento. 5—Doença; cidade italiana. 6—Ligo; termo (inv.). 7—Anéis; afirmação. 8—Sinal gráfico (inv.); pron. pessoal; mealheiro. 9—Bandeira-se. 10—Gfrr; flutuar. 11—Ligeteira; carçoço.

VERTICAIS: 1—Facilitam; ra-chara. 2—Ingerem; abundantes. 3—Arranchada. 4—Lugar para bebidas; lrio; dificuldade. 5—Ocasione; pron. pessoal; imensidão. 6—interpretar; gracejar. 7—Pronome possessivo; irmã. 8—Mealheiro (inv.); letra grega (pl.); oferecer. 9—Actuladulo. 10—Bandas; espiritual. 11—Fruto da silva (pl.); curu.

PROBLEMA N.º 51

Solução

HORIZONTAIS: 1—Argentina. 2—Amuam; amais. 3—Reis; olro. 4—Mim; sus; ait. 5—As; cosia; sé. 6—Carimbo. 7—Er; sócia; ar. 8—Não; são; ara. 9—Tira; ruir. 10—Ovado; corda. 11—Amassarão.

VERTICAIS: 1—Armadamento. 2—Améis; ralva. 3—Rulm; oram. 4—Gás; cás; Ada. 5—Em; soros; os. 6—Músicas. 7—Ta; simio; cá. 8—Imo; aba; ror. 9—Naia; aura. 10—Airis; árido. 11—Soterraria.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos L. Lafora
(Espanha)

- 1.º Concurso Internacional de Problematistas de «Damas»
- 2.º Concurso da Casa Conhaque «Terry»

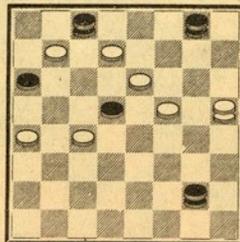
COMPOSIÇÃO N.º 21

(Problema)

«La Provincia», 2-11-944
Las Palmas — Espanha

Lema: «Lusitano I»

Pretas: 3 «damas» e 2 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 6 «pedras».

Mate em 5 jogadas.

PASSATEMPO

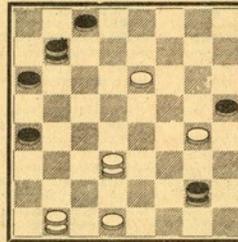
NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora
(Continuação)

Quinto e último exemplo é a seguinte composição:

PROBLEMA (Ano 1932)

Por António Garcia da Mata
Lisboa — Portugal



Mate em 5 jogadas.

Solução

3-7	22-27	7-12	11-20
17-10	31-22	16-7	24-15

4-11-24-31-9-2

ganham.

P.

Este problema tem por tema: diversos desvios, produzindo um déles interferência e outro a rutura da mesma com mate puro e económico por oposição.

Além da rigidez de todas as suas jogadas, tem o pequeno defeito de poder haver entre as quatro primeiras jogadas intercâmbio, sendo, portanto, diversas as suas soluções.

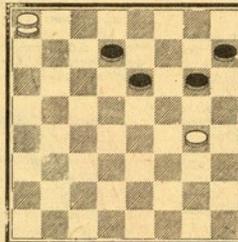
Este problema tem mate em cinco e não em quatro jogadas, porque a 5.ª jogada das brancas não é forçada. Esta definição teve que fazê-la evitando o ter que contar como jogadas uma série delas forçadas que ficam atrás da última livre e que tornariam feio o problema.

(Continua)

(Secção portuguesa)

FINAL DE JOGO N.º 15 (Concurso)

Por Luis António David
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

SPORTING CLUBE DE PORTUGAL



A equipa de «Damas» do Sporting C. de Portugal e o seu orientador (4)

Constituída pelos fortes «damistas» e nossos amigos, srs. João Amadeu do Séro (1), Luis António David (2)

e Carlos Alberto Pereira Gonçalves (3), ficou formada a equipa, de 1.ª categoria, do S. C. de Portugal, que o representará em todas as competições da modalidade. Orienta a equipa o nosso particular amigo e distinto «damista» Domingos Carvalho Calheiro (4), a quem se deve esta feliz iniciativa.

Ao Sporting Clube de Portugal e a toda a equipa as nossas felicitações, desejando-lhes, sinceramente, muitos e brilhantes triunfos. Desde já as colunas de «Passatempo» estão ao inteiro dispor do Sporting Clube de Portugal.

TORNEIO DE JOGO DE «DAMAS» DE OVAR

(Preparação)

Segundo nos informa o nosso amigo e colaborador António Lopes (de Ovar), começou no passado dia 23 este torneio.

No próximo número daremos notícias pormenorizadas sobre o assunto.

XADREZ

Denker ficou campeão de xadrez dos Estados Unidos em 1944, tendo conquistado o título, dando a impressão de superioridade absoluta.

(Do diário «Arriba!»)

Partida jogada no Campeonato dos Estados Unidos, em 1944, entre os fortes concorrentes Denker (1.º classificado) e Fine (2.º classificado).

Branças	Pretas
Denker	Fine
1. P4D	1. C3AR
2. P4AD	2. P3R
3. C3AD	3. A5C
4. P3R	4. P3CD
5. A3D	5. A2C
6. C3A	6. C5R
7. O-O	7. C x C
8. P x C	8. A x P
9. TIC	9. A4T
10. A3T	10. P3D
11. P5A!	11. O-O
12. P x PD	12. P x P
13. P4R	13. T1R
14. P5R	14. P x P
15. C x P	15. D4C
16. P3C	16. P3C
17. D4T	17. D1D
18. T1A	18. P4CD
19. A x PC	19. D4D
20. P3A	20. A3C
21. T5A!!	21. A x T
22. A x A	22. T1A
23. A4A!	23. A3A
24. A x D	24. A x D
25. A x TD	25. Abandona.

CORRESPONDÊNCIA

Gulhermino de Oliveira e Silva (Pórtu) — Tenho recebido todas as suas soluções, que estão bem.

Capitão Evaristo Borges (Pórtu) e «Damistas» nortenhos — Fiquei sensibilizado e agradeço-vos tudo quanto me dizeis a meu respeito. A carta será publicada em «Vida Mundial Ilustrada», brevemente. Felizmente que só uns dois ou três «damistas», mal intencionados e invejosos, me querem atingir com insinuações menos justas. Mas o cão ladra e a caravana passa!

António Lopes (Ovar) — Como não recebi mais carta nenhuma, limto-me, por hoje, a anunciar o Torneio de Jogo de «Damas», de preparação.

Manuel Jesus de Sousa (Bombarral) — Gostava que me desse as suas impressões a respeito de «Passatempo». Porque não organiza, aí, um campeonato? Dar-lhes-el, se preciso for, todos os esclarecimentos necessários.

Cândido Policarpo (Lisboa-Santarem) — Um dos seus problemas sai no próximo número. Conto-o no número dos bons amigos e confrades.

Manuel de Aguiar (Madrid) — Muito obrigado pela sua atenção. Vou enviar-lhe alguns números da «Vida Mundial Ilustrada». Se me puder remeter os jornais onde colabora, agradeço. Trabalharei de acordo consigo.

Dr. Carlos Rodrigues Lafora (Telde-Espanha) — Também consigo proceder de completa harmonia.

Vitorino de Sousa Valverde (Nazaré) — Já lhe escrevi. Aguardo resposta.

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!

AGUARDENTE VELHA

Niepoort

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês 54 da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

Duas datas...

Novela por FILIPE BENTO

PARA que nunca te esqueças de que vivo só para ti». Era assim a dedicatória do único retrato que ela lhe tinha oferecido. E tratava-se de uma fotografia pequena, tirada algures, numa dessas lindas pousadas de que Portugal está cheio.

O José Antero reia pela milésima vez essa dedicatória tão simples e que parecia tão simples e que parecia tão cheia de verdade. Fazia agora um ano que ela lhe oferecera essa fotografia, pequenina, mas com a promessa de lhe dar outra grande, tirada expressamente para ele. Mas a promessa nunca fora cumprida. Tinha na sua frente, além da pequena fotografia, duas folhas do seu bloco-calendário de um ano atrás, que guardara como recordação de duas datas para si inesquecíveis: 20 de Março e 18 de Abril.

Vinte de Março...

Começara «tudo» nesse dia. Pela memória do José Antero passavam como num filme todas as cenas preliminares de um idílio que se adivinhava. Até então, as relações entre ambos não passavam de banais. A Inês era interessante e ele gostava muito dela. Atraía-o, sobretudo, aquele aspecto de mulher extremamente calma. Presumia-se que a Inês seria, em todos os aspectos da sua vida, uma rapariga sossegada.

O José Antero tinha muito de sentimental e a sua alma andava, há tempos, ávida de sensações. Ficou pelo belcínio. Mas, mais tarde, veio a saber que, pelo contrário, a Inês era amávelíssima de brincadeiras, grande «marcada» para uma paródia e — o que era pior — adorava a vida livre. Isto feriu a sensibilidade romântica do José Antero. Afinal, enganara-se. Mas o homem pôs o Deus à parte, porque o acaso quis que as coisas se complicassem e, por artes do Destino, verificassem ambos que uma força oculta os atraía. O José Antero quis reagir. Gostava muito dela, era certo, mas concordava em que nunca poderia reunir as condições de agrado para se lhe impor. Demais, não era rico e, portanto, não podia manter aquele ritmo de vida que lhe agradava a ela. Era muito sentimental e egoísta, cômulo, mesmo. Seria, pois, uma arelha constante a ligação de ambos.

Pensando assim, decidiu cortar o mal pela raiz. E a oportunidade surgiu: a Inês mostrou desejos de aprender a letra de certa canção brasileira e o José Antero propôs-se ensiná-la, que, como retribuição pelo seu «trabalho», apenas exigia um beijo. Ela aceitou e as lições começaram. Quando a tarefa foi dada por terminada, a Inês prontificou-se a liquidar o débito; porém, como na ocasião não o podia fazer, levou a sua correção até o ponto de passar um «vale». Tinha, pois, o José Antero em seu poder um papelinho que valia um beijo, consorte o que ela escrevera e assinara. Um pequenino tesouro para a sua sensibilidade romântica. Mas a decisão estava tomada. Era preferível, para ambos, que «aquilo» não começasse. Mas, francamente, aquele papelinho era bem o prefácio de um romance... Como seria? Bom, com certeza...

E o José Antero cobrou ânimo e escreveu-lhe explicando a razão porque devolvia à procedência o «vale» em seu poder. Mas enganou-se, porque a Inês recebeu a misiva e, para não desmentir o espírito de contradição tão feminino, respondeu-lhe que gostava muito dele e que, portanto, não concordava com as suas idéias «separatistas».

E o idílio começou num romântico passeio em noite chuvosa que, a certa altura, os obrigou a recolher-se a um portal. Depois, vieram as confissões recíprocas de uma afeição que ambos traziam escondida de há muito. Um beijo, aquele que estava escrito, suave, acariciante, dado ainda a médo, veio seguido de outros, dados com mais convicção, como se as suas bocas de há muito se conhecessem.

O José Antero andava como que aturdido. Nem queria acreditar na sua sorte. E não mais se lembrara de que tinha chegado a pensar em acabar tudo, mesmo sem ter começado.

Durante os longos passeios que davam, ele insistia sempre:

— Que pena, Inês, eu não ser rico. Não ter uma situação desafogada, que me permitisse ter-te sempre junto a mim.

— Não sejas tólo, minha jóia (ela tratava-o assim), gosto de ti tal como és. Se fosses rico podes estar certo de que não te ligava importância. Para mim, o dinheiro nada representa. Odeio o dinheiro. Tem muito mais valor esta afeição sem interesses materiais a denegri-la. Assim, sei que gosto de ti porque gosto, porque encontro em ti qualidades que nunca encontrei naqueles que me têm pretendido.

Em matéria de amor, a função espiritual é tudo. Tu sabes gostar, minha jóia. Mas, acredita, eu gosto muito mais de ti do que tu de mim.

De nada servia ao Zé Antero refutar as palavras de Inês, porque ela reclamava sempre para si a primazia daquela afeição.

Até que um dia...
Por muito platonícos que fossem os seus devaneios amorosos, não impediram que acordassem da doce letargia e se lembrassem de que não eram personagens de sonho...

18 de Abril.
Aquele pequena folha do calendário dizia ao Zé Antero tanta coisa...

Haviam resolvido dedicar-se vinte e quatro horas de vida, e para vincar ainda mais essa deliberação, assentaram em que o fariam em qualquer ponto onde se sentissem isolados, onde ninguém os conhecesse e lhes perturbasse a felicidade.

E, nesse dia, partiram para longe da capital, como dois noivos em viagem de núpcias.

O Zé Antero soubera preparar as coisas com carinho. Estabeleceu um programa com antecipação, para que aquelas «24 horas» fossem de sonho e de alegria. Ainda nessa noite, passaram românticamente de braço dado, renovando as juras e as promessas do início.

No dia seguinte, visitaram os arredores, o castelo romântico que existe em todas as terras da província, fizeram fotografias, aproveitaram, enfim, bem o «seu dia».

Dezólto de Abril! Um mundo de recordações ficava encerrado nessa folha de calendário. Era assim mesmo.

E agora, depois de tanto tempo decorrido, o Zé Antero reconhecia que praticamente tudo acabara naquele dia. Os factos bem o demonstravam.

A pretexto de tudo e de nada, a Inês faltava aos encontros marcados. Não era a mesma. E ele sofria com isso. E num desespero compreensível, escrevia-lhe longas cartas, em que punha todo o seu amor. Satisfazia-lhe, voluntariamente, a vaidade de mulher que animava-o, confessando-lhe que adorava aquelas cartas.

Mas, para o Zé Antero, aquele platonismo forçado tornava-se enervante. Olhando o «passado», sentia-se no direito de exigir algo mais do que aquelas expressões de sentimentalismo mórbido e profundamente piegas. E, abertamente, deu a entender as suas aspirações materiais, obtendo como resposta uma recusa polida mas cheia de firmeza. Afinal podia concluir que a Inês, para lhe demonstrar que era muito século XX tivera um capricho que, uma vez satisfeito, tratava de esquecer. E só tarde, muito tarde, o Zé Antero se apercebeu das suas intenções. No fundo, ela tinha por ele apenas uma relativa admiração. Admirava-lhe o carácter, a correção de maneiras e, talvez sobrepujando tudo isto, gostava das cartas que ele lhe escrevia. M...

o seu coração era inteiramente doutro homem. Desde há muito que assim era. Aquela ligação com o Zé Antero não passava de um devaneio paradoxal, cuja explicação nem ela mesmo poderia dar. No entanto, quando ele lhe censurou o seu procedimento desleal, a Inês teve a coragem de lhe afirmar:

— Tu és para mim o «número um». Podem rodar-me, perseguir-me, até mesmo acompanhar-me, mil homens, que nenhum rouba o teu lugar no meu coração. Podem dizer-te que me virem com esse de que falas. Está des cansado. Esse homem nada representa para mim. És tu o único de quem gosto. Era isto que querias ouvir? Nunca to quis dizer abertamente, mas, para te descansares definitivamente, faço-te agora esta confissão.

— Mas repara, Inês, eu compreendo que esse homem já existia para ti antes de eu aparecer na tua vida. Não me repugna a idéia de que voltes a gostar dele. O que não suportos são situações dúbias e, muito menos, aviltantes para mim. Tens, pois, inteira liberdade para proceder como quiseres.

— Já te disse, minha jóia, podes confiar em mim. Afasta de ti essas idéias tólas, porque homem algum te rouba o teu lugar.

E o Zé Antero confiou. Mais meses passaram e, afinal, teve de verificar que tudo aquilo que ela lhe afirmara não passara de uma habilidade, muito feminina, para o manter de novo preso a si.

Porque? Com que fim? E estas interrogações que lhe martelavam o espírito, ficavam sem resposta. Por mais que procurasse achar uma explicação compreensível para a atitude da Inês, não havia meio de encontrar essa explicação.

Decidiu, pois, aclarar de vez aquela situação ingrata, senão para ambos, pelo menos para ele, para o seu brio pessoal. Marcou-lhe uma entrevista, em que iriam colocar as coisas no seu devido lugar. Ela faltou. Voltou a marcar outro encontro e de novo ela faltou.

Estavam bem claras as suas intenções. Que esperava, pois, o Zé Antero para tomar uma atitude?

A explicação que há tanto tempo o seu espírito procurava, surgiu bem nítida. Levandinha, pura levandinha e nada mais. No fundo, a Inês era, como a grande maioria das mulheres, amiga de se sentir adulada por muitos, mas sem gostar de nenhum.

Escreveu-lhe uma carta, a última, e acabou tudo. Se «aquilo» ainda durasse, fazia agora um ano. Por isso as duas folhas do calendário lhe traziam à mente tantas recordações. De ora àante passaria a viver dessas recordações.

Afinal, analisando profundamente tudo quanto se havia passado, ele tinha razões de sobejo para sorrir triunfante quando, por acaso, a encontrasse. Talvez ela encontrasse a razão desse sorriso...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27